



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Ciências Sociais e Humanas

Sintomatologia Psicopatológica, Perdão-Traço e Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial

VERSÃO DEFINITIVA APÓS DEFESA PÚBLICA

Denise Rodrigues Caldeira

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Psicologia Clínica e da Saúde
(2º ciclo de estudos)

Orientadora: Prof.^a Doutora Maria Graça Esgalhado

Covilhã, Julho de 2019

Dedicatória

A todas as pessoas que deixaram marca na minha vida.

“(...) Não me culpes se o teu carro se avaria na estrada./ Não me culpes se tua mulher se vai embora./ Não me culpes se foste para a guerra e descobriste que as pessoas matam./ Não me culpes por teres assassinado 4 anos votando na pessoa errada./ (...) Não me culpes se eu não atendo o telefone e não consigo ver televisão./ Não me culpes pelo teu pai./ Não me culpes pela igreja da esquina./ Não me culpes pela bomba de hidrogénio./ Culpa-me se estiveres a ler isto./ Não me culpes se não entenderes. (...) Não me culpes por não querer entrar em elevadores cheios de gente./ Não me culpes por não ter um herói./ Não me culpes por não criar um./ Não me culpes por ficar atordoado com o riso das massas./ Não me culpes por rir sozinho./ Não me culpes pelo enjaulamento do tigre./ Não me culpes porque a minha morte não será temível,/ Mas não te culpes a ti mesmo.” (Charles Bukowski)

Resumo

A investigação tem como objetivos: explorar a relação entre a sintomatologia psicopatológica, a alta sensibilidade de processamento sensorial e o perdão-traço, em função do género e idade, e, compreender quais têm maior peso na explicação do perdão. A literatura publicada sugere uma associação entre a alta sensibilidade e os sintomas psicopatológicos, e do perdão com os indicadores de saúde mental. Participaram 1048 sujeitos, através de recolha *online* e utilizou-se: um questionário sociodemográfico, o Inventário Breve de Sintomas, a Escala de Pessoas Altamente Sensíveis e a Escala de Perdão-traço. Os resultados foram consistentes com estudos anteriores, mostrando que o perdão-traço tem uma correlação negativa com todas as variáveis. A alta sensibilidade está mais fortemente correlacionada com a ansiedade e as obsessões-compulsões. Relativamente ao género, encontraram-se diferenças significativas na alta sensibilidade, ansiedade, obsessões-compulsões e sensibilidade interpessoal. Quando dividida a amostra em função da idade, existem diferenças significativas em todas as escalas, exceto na alta sensibilidade e na sensibilidade interpessoal. Conclui-se que a hostilidade, a ideação paranoide e a sensibilidade interpessoal são as variáveis que têm maior peso na explicação do perdão.

Palavras-chave

perdão-traço; sintomas psicopatológicos; alta sensibilidade.

Abstract

The aim of the research is explore the relationship between psychopathological symptomatology, high sensitivity of sensory processing and forgiveness-trait according to gender and age, and understand which have more weight in the explanation of forgiveness. The published literature suggests an association between high sensitivity and psychopathological symptoms, and in forgiveness with mental health indicators. A total of 1048 subjects were collected through online collection and used a sociodemographic questionnaire, the Brief Symptom Inventory, the Highly Sensitive Person Scale and the Trait-Forgiveness Scale. The results were consistent with previous studies, showing that the trait-forgiveness has a negative correlation with all variables. The high sensitivity is most correlated with anxiety and obsessions-compulsions. Regarding gender, we found significant differences in the high sensitivity, anxiety, obsessions-compulsions and interpersonal sensitivity. When dividing the sample according to age, there are significant differences across all scales except in the high sensitivity and interpersonal sensitivity. It is concluded that hostility, paranoid ideation and interpersonal sensitivity are the variables with more weigh on the explanation of forgiveness.

Keywords

trait-forgiveness; psychopathological symptoms; high sensitivity.

Índice

Dedicatória	ii
Resumo	iii
<i>Abstract</i>	iv
Lista de Tabelas	vi
Lista de Acrónimos	vii
1. Introdução	1
2. Método	5
2.1. Participantes	5
2.2. Instrumentos	6
2.2.1. Questionário sociodemográfico	6
2.2.2. <i>Brief Symptom Inventory</i>	6
2.2.3. <i>Highly Sensitive Person Scale</i>	7
2.2.4. <i>Trait Forgivingness Scale</i>	8
2.3. Procedimentos	8
3. Resultados	9
4. Discussão	15
Referências Bibliográficas	19
Anexo Teórico	24
Referências Bibliográficas	47

Lista de Tabelas

Tabela 1. Caracterização dos participantes

Tabela 2. Estatística descritiva relativamente à Escala de Perdão Traço

Tabela 3. Estatística descritiva relativamente à Escala Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial

Tabela 4. Estatística descritiva relativamente às Escalas do BSI

Tabela 5. Resultados para a comparação entre o género masculino e feminino na pontuação total da Escala de PT, da HSP e em cada escala do BSI

Tabela 6. Resultados para a comparação entre o grupo de indivíduos mais velhos e o grupo de indivíduos mais novos na pontuação total da Escala de PT, da HSP e em cada escala do BSI

Tabela 7. Matriz de correlação da sintomatologia psicopatológica e o perdão traço e a alta sensibilidade de processamento sensorial

Tabela 8. Sumarização dos modelos

Tabela 9. Análise de coeficientes

Tabela 10. Sumarização do modelo

Tabela 11. Análise de coeficientes

Lista de Acrónimos

AES	<i>Aesthetic Sensitivity</i>
BAS	Sistema de Ativação Comportamental
BIS	Sistema de Inibição Comportamental
BSI	<i>Brief Symptom Inventory</i>
EAS	<i>Emotional Assessment Scale</i>
EOE	<i>Ease Of Excitation</i>
HSP	<i>Highly Sensitive Person</i>
HSP	<i>Highly Sensitive Person Scale</i>
IGS	Índice Geral de Sintomas
ISP	Índice de Sintomas Positivos
LST	<i>Low Sensory Threshold</i>
PSS	<i>Perceived Stress Scale</i>
SPS	Sensibilidade de Processamento Sensorial
TFS	<i>Trait Forgivingness Scale</i>
TSP	Total de Sintomas Positivos

1. Introdução

A presente investigação insere-se no projeto “Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial e Variáveis Psicopatológicas” do Departamento de Psicologia da Universidade da Beira Interior, e destina-se à obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde. O mesmo será realizado em formato de artigo científico, com o objetivo de publicação numa revista de revisão por pares, e na sua parte final integra-se um Anexo Teórico, onde está incluída uma pesquisa mais aprofundada acerca das temáticas abordadas.

O conceito de Sensibilidade de Processamento Sensorial (SPS) foi introduzido por Aron e Aron (1997), embora tenha sido previamente investigado por autores como Eysenck (1957) que estudou o traço enquanto introversão, e Gray (1981; cit. in Aron & Aron, 1997) que estudou o traço enquanto expressão de um Sistema de Inibição Comportamental (BIS) forte.

A SPS diz respeito a um traço de personalidade nos indivíduos que os leva a uma tendência para processar os estímulos e informações de forma mais profunda do que outras pessoas (Aron & Aron, 1997). Este processamento pode referir-se a experiências estéticas, ao humor e aos sentimentos dos outros, ao nível de tolerância à cafeína, a ruídos altos e à dor (Grimen & Diseth, 2016). Segundo alguns autores trata-se de uma característica determinada geneticamente, cuja expressão fenotípica é, no entanto, influenciada pela interação com o ambiente (Aron, Ketay, Hedden, Aron, Rose, & Gabrieli, 2010). Outros investigadores caracterizam o termo como uma maior sensibilidade a estímulos subtis, em que o sujeito emprega estratégias de processamento mais profundas e complexas que lhe possibilitam planejar eficazmente uma ação e, mais tarde, rever mapas cognitivos, tratando-se de um processo impulsionado por fortes reações emocionais (Homborg, Schubert, Asan, & Aron, 2016).

A discussão acerca da unidimensionalidade ou multidimensionalidade da SPS não é consensual. Autores como Aron e Aron (1997) definem a SPS como um traço amplo, mas que apenas reflete uma dimensão; também Hoffman e Bitran (2007) defendem a unidimensionalidade do construto, na medida em que realizaram um estudo em que uma estrutura de apenas um fator foi responsável por 23.9% da variância total dos resultados. Por outro lado, outros investigadores encontraram uma estrutura de dois fatores: um relacionado à sensibilidade temperamental, e outro a uma vida interior mais rica (Cheek, Bourgeois, Theran, Grimas, & Norem, 2009); também Mullet, Rinn, Jett e Nyikos (2016) encontraram uma estrutura de dois fatores responsável por 39.3% da variância total: um relacionado a uma resposta emocional negativa a estímulos sensoriais intensos, e outro relacionado a um processamento atencional profundo de estímulos sensoriais internos e externos. Smolewska, McCabe e Woody (2006) defendem ainda uma estrutura de três fatores: *Aesthetic Sensitivity* (AES) - reflete uma consciência estética do ambiente envolvente; *Low Sensory Threshold* (LST) - reflete uma excitação sensorial desagradável relativa a estímulos externos; e, *Ease Of*

Excitation (EOE) - reflete uma tendência para os indivíduos se tornarem mentalmente oprimidos por estímulos internos ou externos. Já Konrad e Herzberg (2017) acreditam que, ainda que existam vários fatores, estes se combinam naquilo a que chamaram fator geral de SPS.

A SPS tem sido muitas vezes associada a fatores de personalidade, como a conscienciosidade e a introversão. Aron e Aron (1997) afirmam que é possível que apenas se verifique uma associação parcial, diferenciando-se desses mesmos traços ou da sua combinação; no entanto, outras investigações têm evidenciado que a SPS pode ser considerada como um fator de risco para a ansiedade e depressão (Booth, Standage, & Fox, 2015), para sintomas frequentes de doenças de saúde (Benham, 2006), para evitamento decorrente de agorafobia (Hofman & Bitran, 2007), bem como para problemas de saúde relacionados com fatores de personalidade, mais especificamente com o neuroticismo (Charles, Gatz, Kato, & Pedersen, 2008).

De acordo com Benham (2006) não existe uma causa concreta para as pessoas altamente sensíveis experienciarem mais sintomas de doenças de saúde. Uma das explicações passa pelo facto de que, a alta sensibilidade aumenta a excitação fisiológica geral, que por sua vez leva a um verdadeiro stress crónico, com consequências para a saúde; outra explicação pode consistir no facto de pessoas altamente sensíveis serem mais cientes dos sintomas somáticos, fazendo com que prestem atenção a sensações fisiológicas mais subtis, e que podem passar despercebidas para os outros.

Relativamente ao perdão, também a conceptualização deste constructo não é consensual. Alguns autores caracterizam o perdão como um agente de diminuição do afeto negativo (e.g., amargura, raiva, hostilidade), de cognições negativas (e.g., sentimentos de vingança), de motivações negativas (e.g., tendência para evitar contacto com o transgressor) e de comportamentos negativos (e.g., agressão verbal para com o transgressor) (McCullough, Worthington, & Rachel, 1997). Para outros autores, é fundamental que exista uma apreciação positiva por parte da pessoa que perdoa (e.g., amor, compaixão, simpatia, pena) para com o transgressor (Wade & Worthington, 2005).

Segundo Donovan e Priester (2017) o perdão oferece um mecanismo de defesa essencial, uma vez que é através dele que as relações são mantidas na sequência de traições interpessoais, transgressões e deceções.

De acordo com McCullough (2001) o perdão envolve um conjunto de mudanças motivacionais pro-sociais na sequência de uma transgressão cometida por outra pessoa; os indivíduos com maior predisposição a perdoar tendem a ser mais agradáveis, emocionalmente estáveis, e mais espirituais ou religiosos do que as pessoas menos dispostas a perdoar.

Existem ainda processos psíquicos que podem inibir ou facilitar o perdão. Tabak, McCullough, Luna, Bono e Berry (2012) afirmam que a presença de gestos conciliadores podem facilitar o perdão, na medida em que fazem com que transgressor passe a ser considerado como uma pessoa mais agradável. Para Utikal (2013) a existência de um pedido de desculpas também tem um efeito positivo na conceção do mesmo, sendo que a

probabilidade de existir perdão é maior na presença de um pedido de desculpas, e é menos provável existir um pedido de desculpas após uma transgressão intencional (Fischbacher & Utikal, 2013). A intenção por detrás da transgressão também pode afetar a eficácia de um pedido de desculpas, sendo que quando a transgressão é apresentada como não intencional existe uma maior probabilidade de existir perdão (Jeter & Brannon, 2018).

O perdão tem ainda surgido correlacionado com a comunicação e a resolução de conflitos: o perdão está positivamente correlacionado com a comunicação construtiva em relacionamentos, e negativamente correlacionado com a agressão psicológica (Fincham & Beach, 2002).

Como as transgressões podem levar a mal-entendidos, e até mesmo à quebra dos compromissos, os indivíduos adquirem estratégias de modo a garantir que os erros não sejam repetidos ou para que os relacionamentos possam continuar. Aqui entra a vingança, o evitamento e o perdão, como forma de lidar com tais situações: a vingança traduz-se na retenção de um benefício para desencorajar um dano interpessoal (Shaver & Mikulincer, 2011) em que o sujeito procura uma oportunidade de prejudicar o transgressor na mesma proporção; no evitamento, o sujeito procura manter distância do transgressor; já o perdão oferece um mecanismo restaurador que garante que as relações benéficas possam continuar, apesar da existência do dano inicial (Shaver & Mikulincer, 2011).

Segundo a literatura existente, o perdão tem surgido correlacionado a diversas dimensões de personalidade, assim como a sintomas psicopatológicos: para Brieger, Sommer, Blöink e Marneros (2000) o perdão está positivamente correlacionado com o neuroticismo; Lynam e Widiger (2001) encontraram uma correlação positiva entre o perdão e a agradabilidade; Sastre, Vinsonneau, Chabrol e Mullet (2005) encontraram uma correlação positiva entre a existência de um ressentimento duradouro e a tendência geral a procurar vingança, e uma correlação negativa entre o perdão e o estilo de personalidade paranoica; segundo McCullough (2001) a estabilidade emocional está positivamente correlacionada com a tendência para perdoar o transgressor; Fehr, Gelfand e Nag (2010) afirmam que a existência de raiva, a presença de rumações intrusivas e um baixo nível de empatia levam a um menor nível de perdão; já Finkel e Campbell (2001) e Balliet (2010) encontraram uma correlação positiva entre o perdão e a conscienciosidade, na medida em que esta ajuda na regulação das emoções e na cessação do desejo de vingança e sentimentos de vingança.

Alguns autores sugerem que a Teoria da Vinculação de Bowlby, especialmente o estilo de vinculação-traço, pode ser útil no sentido de se entenderem as diferenças de uma maior disposição para o perdão. Assim, afirmam que, tanto na vinculação como no perdão, é necessário existir confiança, comunicação, empatia e regulação das emoções, e que, ambas envolvem um conjunto de alterações psicológicas que dizem respeito ao self e aos outros (no caso do perdão, ao transgressor). Por sua vez, quando ocorrem transgressões, os indivíduos que apresentam padrões de vinculação insegura tendem a apresentar rumações de raiva com mais frequência, fazendo com que o perdão se torne mais difícil (Burnette, Taylor, Worthington, & Forsyth, 2007).

Enright (2008) afirma que lidar com a raiva é uma das tarefas envolvidas no processo de perdoar, e por isso, ter como objetivo a eliminação da mesma pode alterar este processo (e.g., cessar a raiva com a vingança).

Outros investigadores sugerem que a disposição para o perdão sofre ainda diversas alterações ao longo do ciclo vital. De acordo com alguns autores, esta aumenta consoante a idade aumenta, indo ao encontro da Teoria do Desenvolvimento Psicossocial de Erikson (Girard & Mullet, 1997). Assim, uma resolução bem-sucedida em cada etapa vital e, por conseguinte, de cada conflito, levará a um forte sentido de identidade e a interações mais gratificantes com os outros. Desta forma, a expansão bem-sucedida do autoconceito de modo a incluir os outros, poderá levar a uma maior capacidade para perdoar (Kaleta & Mróz, 2017).

Toussaint, Williams, Musick e Everson (2001) concluíram que o perdão e o bem-estar psicológico diferem ao longo da vida: nos adultos mais velhos perdoar está mais fortemente correlacionado com a satisfação com a vida, e o sofrimento psicológico está mais negativamente presente nos adultos mais velhos do que nos jovens adultos; Subkoviak, Enright, Wu, Gassin, Freedman, Olson e Sarinopoulos (1995) observaram uma correlação negativa entre o perdão e a ansiedade num estudo realizado com adolescentes, que se tornou substancialmente mais forte, na presença de uma dor profunda; Ghaemmaghami, Allemand e Martin (2011; cit. in Kaleta & Mróz, 2017) relataram uma correlação negativa entre a idade e o domínio negativo do perdão (vingança e evitamento), e uma correlação positiva com o domínio positivo do perdão (benevolência); Girard e Mullet (1997) verificaram um aumento na tendência a perdoar da adolescência à velhice, sendo que a existência de um pedido de desculpas teve maior importância para adolescentes e adultos, do que para as pessoas mais velhas - o desejo de vingança tem um efeito dominante na juventude e o desejo de restauração da harmonia social tem um efeito dominante nos adultos; já Charzyńska e Heszen (2013) afirmam que ainda que o perdão tenha tendência a aumentar com a idade, existem alterações nos vários aspetos do mesmo, sendo que existe uma correlação positiva entre a idade e a capacidade de perdoar os outros, mas o mesmo não se aplica com o perdão pessoal.

A explicação para o facto de os adultos mais velhos procurarem objetivos emocionais e sociais diferentes dos adultos mais jovens pode ser entendida à luz da Teoria da Seletividade Socioemocional, que postula que a perceção do tempo futuro tem implicações na vida social e emocional de cada sujeito (Carstensen, 1992). A mesma prediz mudanças na motivação social ao longo do ciclo vital. Segundo esta, a Teoria da Perspetiva de Tempo Futuro (FTP) - entendida como a perspetiva da duração do horizonte de tempo pessoal (Carstensen, Isaacowitz, & Charles, 1999) é a força que estrutura os objetivos humanos (Lang & Carstensen, 2002), fazendo com que os indivíduos tenham consciência do tempo que resta da sua vida, direcionando a atenção para os aspetos mais emocionalmente significativos da vida: quando o tempo futuro é percebido como limitado, a experiência emocional assume prioridade, e quando o futuro é entendido como em aberto, priorizam-se objetivos que visam otimizar o futuro (Allemand, 2008).

2. Método

2.1. Participantes

A amostra foi obtida por conveniência, através de uma recolha *online*, em que foi disponibilizado um link a que os participantes teriam de aceder para preencher o questionário. O único requisito para participar no estudo era o de ter idade igual ou superior a 18 anos. Como consta na Tabela 1 a amostra é constituída por 1048 sujeitos, sendo 357 do género masculino (34.0%) e 691 do género feminino (65.9%), com idades compreendidas entre os 18 e os 80 anos ($M = 29.4$, $DP = 12.3$). Dos participantes 463 eram solteiros, 287 tinham um namoro/compromisso afetivo, 216 eram casados, 45 viviam numa união de facto, 34 estavam divorciados/separados, e, 4 eram viúvos. Relativamente ao nível de escolaridade, 489 (46.6%) tinham uma Licenciatura/Bacharelato, 341(32.5%) estudaram até ao 12.º ano, 158 (15.1%) tinham um Mestrado/Doutoramento, e, 61 (5.8%) estudaram até ao 9.º ano. Quanto à situação profissional dos participantes, 456 (43.5%) eram estudantes, 400 (38.1%) trabalhavam por conta de outrem, 65 (6.2%) estavam desempregados, 56 (5.3%) eram trabalhador-estudante, 52 (5.0%) trabalhavam por conta própria, e, 20 (1.9%) eram reformados.

Tabela 1
Caracterização dos participantes

	<i>n</i>	%	Média	Desvio-Padrão
Idade	1048	-	29.4	12.3
Género				
Homem	357	34.0		
Mulher	691	65.9		
Estado Marital				
Casado/a	216	20.6		
Solteiro/a	463	44.1		
Divorciado/a ou separado/a	34	3.2		
Viúvo/a	4	0.4		
Unido de facto	45	4.3		
Namoro/compromisso afetivo	287	27.4		
Local de residência				
Uma pequena cidade	500	47.7		
Uma grande cidade	262	25.0		
Um pequeno meio rural	187	17.8		
Um grande meio rural	100	9.5		
Nível de escolaridade				
Até 9.º ano	61	5.8		
Até 12.º ano	341	32.5		
Formação Universitária (Licenciatura / Bacharelato)	489	46.6		
Formação Universitária (Mestrado / Doutoramento)	158	15.1		

Situação Profissional

O Efeito Mediador da Sintomatologia Psicopatológica no Perdão-Traço e na Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial

Desempregado/a	65	6.2
Estudante	456	43.5
Trabalhador/a-estudante	56	5.3
Trabalhador/a por conta de outrem	400	38.1
Trabalhador/a por conta própria	52	5.0
Reformado/a	20	1.9
Estatuto socioeconómico		
Baixo	78	7.4
Baixo-Médio	294	28.0
Médio	589	56.1
Médio-Alto	81	7.7
Alto	7	0.7
Orientação Sexual		
Heterossexual	910	86.7
Bissexual	61	5.8
Gay ou lésbica	73	7.0
Assexual	5	0.5

2.2. Instrumentos

2.2.1. Questionário sociodemográfico. Foram recolhidos dados relativamente a idade, género, estado marital, local de residência, nível de escolaridade, situação profissional, estatuto socioeconómico e orientação sexual.

2.2.2. *Brief Symptom Inventory (BSI)*. O BSI é um instrumento que avalia os sintomas psicopatológicos segundo nove dimensões: somatização (BSI SOMAT) - reflete o mal-estar resultante da perceção do funcionamento somático, queixas do sistema cardiovascular, respiratório e/ou dores da musculatura; obsessões-compulsões (BSI OBSS-COMP) - refere-se a cognições, impulsos e comportamentos persistentes a que o indivíduo não consegue resistir; sensibilidade interpessoal (BSI SEN INTE) - inclui sentimentos de inadequação pessoal e/ou inferioridade; depressão (BSI DEP) - reflete indicadores de depressão clínica, como sintomas de afeto e humor disfórico; ansiedade (BSI ANS) - inclui nervosismo, tensão, ansiedade generalizada e ataques de pânico; hostilidade (BSI HOST) - refere-se a pensamentos, emoções e comportamentos próprios do estado afetivo negativo da cólera; ansiedade fóbica (BSI ANS FOB) - é a resposta de medo persistente, irracional e desproporcionado que leva a comportamento de evitamento; ideação paranoide (BSI IDE PARA) - representa o funcionamento cognitivo perturbado, como hostilidade, desconfiança e grandiosidade; e, psicoticismo (BSI PSICOTIC) - inclui itens relacionados com o isolamento e estilo de vida esquizoide (Derogatis, 1993; cit. in Simões, Machado, Gonçalves & Almeida). O mesmo, pode ser aplicado a indivíduos da população geral que não se encontrem perturbados emocionalmente, individualmente ou em grupo, a sujeitos com idade igual ou superior a 13 anos. Além das nove dimensões do sintoma primário existem três índices globais associados ao BSI: o IGS (Índice Geral de Sintomas) pondera a intensidade do mal-estar experienciado, com o número total de sintomas; o TSP (Total de Sintomas Positivos) refere-se ao número de

queixas sintomáticas apresentadas; e, o ISP (Índice de Sintomas Positivos) que nos dá a média da intensidade de todos os sintomas assinalados. Cada item é classificado numa escala de 5 pontos, em que 0 corresponde a “nunca” e 4 corresponde a “muitíssimas vezes” e a análise das pontuações nas nove dimensões irá dar-nos informação sobre o tipo de sintomatologia que mais perturba os indivíduos.

Em Portugal, Canavarro (1994-1995) realizou um estudo com duas amostras: população geral (N = 147); e, amostra clínica (N = 147), com a seguinte estatística descritiva para a população geral: somatização (M=0.573; DP=0.916); obsessões-compulsões (M=1.290; DP=0.878); sensibilidade interpessoal (M=0.958; DP=0.727); depressão (M=0.893; DP=0.722); ansiedade (M=0.942; DP=0.766); hostilidade (M=0.894; DP=0.784); ansiedade fóbica (M=0.418; DP=0.663) - é a resposta de medo persistente, irracional e desproporcionado que leva a comportamento de evitamento; ideação paranóide (M=1.063; DP=0.789); psicoticismo (M=0.668; DP=0.614); IGS (M=0.835; DP=0.480); TSP (M=26.993; DP=11.724); e, ISP (M=1.561; DP=0.385). Este revelou um bom nível de consistência interna (alfa de Cronbach): somatização=.80; obsessões-compulsões=.77; sensibilidade interpessoal=.76; depressão=.73; ansiedade=.77; hostilidade=.76; ansiedade fóbica=.62; ideação paranóide=.72; e, psicoticismo=.62. Quanto à validade, encontraram-se relações estatisticamente significativas entre as várias dimensões, sendo que, como é natural, todas as escalas apresentam correlações mais elevadas com as três notas globais do que entre si; também foram encontradas correlações com outros instrumentos: a *Emotional Assessment Scale* (EAS); a *Perceived Stress Scale* (PSS); o *Questionário de Vulnerabilidade ao Stress* (23QVS); e, com o Instrumento de Avaliação da Qualidade de Vida da Organização Mundial de Saúde (WHOQOL).

2.2.3. Highly Sensitive Person Scale (HSPS). A HSPS foi desenvolvida por Aron e Aron (1997), adaptada para o alemão por Konrad e Herzberg (2017) e construída e validada por Kinnad e Herzberg (2017). Visa explorar a construção da personalidade do sujeito altamente sensível e é constituída por 27 itens cotados de 1 a 7, em que 1 corresponde a “nada” e 7 corresponde a “completamente”. Mede a SPS, que representa a reatividade fisiológica para estímulos do ambiente (e.g., “Sente-se facilmente sobrecarregado/a por estímulos sensoriais fortes?”), incluindo também a reatividade a estímulos mais subtis (e.g., “Dá por si a estar ciente das subtilezas existentes no ambiente à sua volta?”). É uma escala unidimensional que avalia a alta sensibilidade sensorial e a capacidade de ativação associada, com um valor de consistência interna de alfa de Cronbach=.86 (Konrad & Herzberg, 2017). A mesma foi traduzida e adaptada para a população portuguesa por Pereira e colaboradores (2017), demonstrando um bom nível de consistência interna de alfa de Cronbach=.90. A escala dá um valor total, que é utilizado para criar uma variável dicotómica representando dois grupos, de acordo com a escala utilizada pelos autores: grupo de alta sensibilidade (média igual ou superior a 4) e grupo de baixa sensibilidade (média igual ou inferior a 3).

2.2.4. Trait Forgiveness Scale (TFS). A TSF avalia a percepção dos sujeitos acerca da sua capacidade, comportamentos, tendências e atitudes para perdoar, sendo um dos principais instrumentos utilizados para medir o perdão enquanto traço de personalidade (Berry & Worthington, 2005). É constituída por 10 itens cotados de 1 a 5 (em que 1 significa “Discordo Totalmente” e 5 significa “Concordo Totalmente”), sendo que metade são de valência positiva. Esta tem questões relacionadas tanto com o perdão (e.g., “sempre perdoei quem me magoou”), com sentimentos de ressentimento (e.g., “mesmo depois de eu perdoar alguém, volto frequentemente a ficar ressentido/a”), assim como com sentimentos de vingança (e.g., “se alguém me tratar mal, eu faço-lhe o mesmo”). A mesma demonstrou boas propriedades psicométricas em vários estudos realizados por Berry e Worthington (2001), apresentando valores de alfa de Cronbach que variaram entre .80 e .74, e, demonstrando assim, validade empírica enquanto medida rápida do traço de capacidade de perdoar. A TFS tem ainda correlação com traços de personalidade do Modelo *Big Five*, tais como o neuroticismo e a agradabilidade (Berry, Worthington, O’Connor, Parrott, & Wade, 2001). A escala dá um valor total, que é utilizado para criar uma variável dicotómica representando dois grupos, de acordo com a escala utilizada pelos autores: grupo de indivíduos com maior tendência a perdoar (média igual ou superior a 3) e grupo de indivíduos com menor tendência a perdoar (média igual ou inferior a 2).

2.3. Procedimentos

A presente investigação foi aprovada pela Comissão de Ética da Universidade da Beira Interior e enquadra-se no Projeto “Alta Sensibilidade e Variáveis Psicossociais”. A aplicação do protocolo incluiu os instrumentos acima mencionados, sendo que antes da sua divulgação e aplicação, o mesmo foi submetido a um pré-teste com dez sujeitos, com idades acima dos dezoito anos, de modo a identificar possíveis falhas e dificuldades de compreensão da leitura e linguagem utilizada. De seguida, passou-se então à divulgação *online*, em que se disponibilizou um *link* e onde eram apresentados os objetivos da investigação, assim como era garantida a confidencialidade e anonimato no tratamento dos dados dos participantes meramente para fins estatísticos.

A recolha ocorreu entre outubro de 2017 e janeiro de 2018, sendo que os critérios de inclusão do estudo eram o de ter idade igual ou superior a 18 anos, e saber ler e escrever português. Participaram na investigação 1048 sujeitos, e considerou-se o questionário sociodemográfico, o BSI, a HSPS e a TSF. Quanto à modalidade de recolha dos questionários, optou-se pela recolha *online*, de maneira a ter uma amostra mais diversificada. Segundo Topp e Pawloski (2002) a recolha de dados online tem inúmeras vantagens, tais como a capacidade de abranger uma maior população, a facilidade no seu uso e um baixo custo. Além disso, diminui as fronteiras geográficas e possibilita um ambiente em que é possível respostas mais sinceras e com maior qualidade. Por outro lado, os autores também ressaltam desvantagens como o facto de ter de se ter algum conhecimento técnico específico, bem como o sistema, e

O Efeito Mediador da Sintomatologia Psicopatológica no Perdão-Traço e na Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial

a atualização do mesmo, poder incluir alguns custos. Além de tudo isto, muitas vezes o computador tem de estar conectado à Internet e a mesma pode ficar mais lenta consoante o número de pessoas que estiverem conectadas.

Posteriormente à recolha dos dados, foi construída uma base de dados com recurso ao programa Estatístico IBM SPSS STATISTICS (versão 25), para tratamento e análise dos mesmos.

3. Resultados

Na Tabela 2 foram organizados os dados relativos aos resultados médios, mínimos, máximos, bem como o desvio-padrão relativamente ao perdão-traço. Assim, conseguimos dizer que o valor médio de perdão, tendo em conta a amostra do estudo, é de $M=3.40$ ($DP=0.646$).

Tabela 2

Estatística descritiva relativamente à Escala de Perdão Traço

N	1046
Média	3.40
Mediana	3.40
Moda	3.00
Desvio Padrão	.646
Mínimo	1
Máximo	5

Na Tabela 3 foram organizados os dados relativos aos resultados médios, mínimos, máximos, bem como o desvio-padrão relativamente à Escala da Alta sensibilidade de Processamento Sensorial (HSP). Assim, conseguimos dizer que o valor médio de HSP, tendo em conta a amostra do estudo, é de $M=4.47$ ($DP=0.866$).

Tabela 3

Estatística descritiva relativamente à Escala Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial

N	1049
Média	4.47
Mediana	4.78
Moda	4.78
Desvio Padrão	.866
Mínimo	1.00
Máximo	6.63

O Efeito Mediador da Sintomatologia Psicopatológica no Perdão-Traço e na Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial

Na Tabela 4, foram organizados os dados relativos aos resultados médios, mínimos, máximos, bem como o desvio-padrão relativamente a cada escala do BSI. Deste modo, conseguimos dizer que o valor médio do Índice Geral de Sintomas do BSI, tendo em conta a amostra do estudo, é de $M=.901$ ($DP=0.671$).

Tabela 4

Estatística descritiva relativamente às Escalas do BSI

	IGS	DEP	ANS	HOST	ANS FOB	IDE PARA	PSICOTIC	SOMAT	OBSS- COMP	SEN INTE
N	944	1045	1046	1045	1046	1045	1046	1045	1045	1045
Média	.901	1.01	.910	.922	.508	1.20	.803	.621	1.20	1.04
Mediana	.774	8.33	.667	.800	.200	1.00	.600	.423	1.17	1.00
Moda	.28	.00	.17	.20	.00	1.00	.00	.00	1.00	.00
DP	.671	.926	.759	.759	.666	.864	.767	.689	.807	.886
Mínimo	.00	.00	.00	.00	.00	.00	.00	.00	.00	.00
Máximo	3.45	4.00	4.00	3.80	4.00	4.00	4.00	3.57	3.67	4.00

Na Tabela 5 descrevem-se as diferenças entre o género masculino e o género feminino na pontuação de cada escala utilizada. Através da realização de um Teste *T-Student* constatámos que o género feminino apresentou valores mais elevados em todas as escalas, à exceção da Escala BSI PSICOTIC ($M=826$; $DP=825$), demonstrando valores mais elevados na escala HSP Total, na BSI ANS, BSI SEN INTE e na BSI HOST. Posteriormente, através do Teste de Levene verificámos a homogeneidade de variâncias com uma significância de 0.05, à exceção das Escalas BSI PSICOTIC e BSI OBSS-COMP, em que assumimos a homogeneidade de variâncias com uma significância de 0.01. Como assumimos a homogeneidade das mesmas aplicámos o Teste para a igualdade de médias, analisando o *p-value*, de modo a verificar se existiam diferenças significativas entre os géneros, constatando que: existem diferenças significativas na Escala BSI IGS ($M=.826$; $DP=.67$ para o género masculino, e $M=.937$; $DP=.67$ para o género feminino) na escala HSP Total ($M=4.15$; $DP=.87$ para o género masculino, e $M=4.64$; $DP=.82$ para o género feminino), na Escala BSI ANS ($M=.802$; $DP=.73$ para o género masculino, e $M=.964$; $DP=.77$ para o género feminino), na Escala BSI OBSS-COMP ($M=1.12$; $DP=.77$ para o género masculino, e $M=1.24$; $DP=.82$ para o género feminino) e na Escala BSI SEN INTE ($M=.934$; $DP=.85$ para o género masculino, e $M=1.10$; $DP=.89$ para o género feminino).

Tabela 5

Resultados para a comparação entre o género masculino e feminino na pontuação total da Escala de PT, da HSP e em cada escala do BSI

O Efeito Mediador da Sintomatologia Psicopatológica no Perdão-Traço e na Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial

	Gênero	N	Média	Desvio-padrão	<i>t</i>	<i>p</i>
PT Total	Masculino	356	3.36	.63	1.635(1043)	.102
	Feminino	689	3.42	.66		
HSP Total	Masculino	357	4.15	.87	-8.992(1046)	.000*
	Feminino	691	4.64	.82		
BSI IGS	Masculino	317	.826	.67	-2.415(941)	.016*
	Feminino	626	.937	.67		
BSI DEP	Masculino	356	.974	.94	-.782(1042)	.434
	Feminino	688	1.02	.91		
BSI ANS	Masculino	357	.802	.73	-3.289(1043)	.001*
	Feminino	688	.964	.77		
BSI HOST	Masculino	356	.903	.77	-.528(1042)	.598
	Feminino	688	.929	.75		
BSI ANS FOB	Masculino	357	.483	.69	-.869(1043)	.385
	Feminino	688	.520	.65		
BSI IDE PARA	Masculino	356	1.17	.85	-.801(1042)	.423
	Feminino	688	1.21	.87		
BSI PSICOTIC	Masculino	357	.826	.82	-.772(1043)	.440
	Feminino	688	.787	.73		
BSI SOMAT	Masculino	356	.540	.68	-2.694(1042)	.007
	Feminino	688	.661	.69		
BSI OBSS-COMP	Masculino	356	1.12	.77	-2.408(1042)	.016*
	Feminino	688	1.24	.82		
BSI SEN INTE	Masculino	356	.934	.85	-2.804(1042)	.005*
	Feminino	688	1.10	.89		

Nota. * Coeficientes com diferença significativa ($p < 0.05$).

Na Tabela 6 observa-se a existência ou não de diferenças estatisticamente significativas na Escala PT Total, HSP Total e todas as escalas que compõem o BSI, em função da idade, constituindo dois grupos de acordo com o ponto de corte da mediana de idades (22 anos): (1) grupo dos sujeitos mais novos (com idade igual ou inferior a 22 anos) e (2) grupo dos sujeitos mais velhos (com idade igual ou superior a 23 anos). Com recurso à estatística do Teste *T-Student* concluímos que os indivíduos mais novos apresentam valores mais elevados do que os indivíduos mais velhos em todas as escalas, à exceção do PT Total ($M=3.45$; $DP=0.66$) e da HSP Total ($M=4.48$; $DP=0.84$). Posteriormente, de modo a verificar a homogeneidade de variâncias realizou-se o Teste de Levene com uma significância de 0.05,

O Efeito Mediador da Sintomatologia Psicopatológica no Perdão-Traço e na Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial

assumindo-se que existem diferenças significativas nas variâncias dos dois grupos em todas as escalas, à exceção da Escala PT Total, e da Escala HSP Total. Por último, analisámos o p-value, de modo a verificar se existiam diferenças significativas nas diversas escalas entre o grupo dos indivíduos mais velhos e o grupo dos indivíduos mais novos, constatando que existem diferenças significativas em todas as escalas, à exceção da HSP Total ($M=4.46$; $DP=.89$ para os indivíduos mais novos, e $M=4.48$; $DP=.84$ para os indivíduos mais velhos), e da BSI IDE PARA ($M=1.24$; $DP=.90$ para os indivíduos mais novos, e $M=1.15$; $DP=.83$ para os indivíduos mais velhos).

Tabela 6

Resultados para a comparação entre o grupo de indivíduos mais velhos e o grupo de indivíduos mais novos na pontuação total da Escala de PT, da HSP e em cada escala do BSI

	Grupos: mais novos (1) e mais velhos(2)	N	Média	Desvio-padrão	t	p
PT Total	Grupo1	547	3.36	.63	-2.302(1043)	.022*
	Grupo 2	498	3.45	.66		
HSP Total	Grupo 1	549	4.46	.89	-.354(1046)	.724
	Grupo 2	499	4.48	.84		
BSI IGS	Grupo 1	506	.989	.70	4.425(941)	.000*
	Grupo 2	437	.797	.62		
BSI DEP	Grupo 1	546	1.12	.95	4.160(1042)	.000*
	Grupo 2	498	.881	.88		
BSI ANS	Grupo 1	546	.988	.79	3.555(1043)	.000*
	Grupo 2	499	.822	.71		
BSI HOST	Grupo 1	546	1.01	.82	4.061(1042)	.000*
	Grupo 2	498	.822	.68		
BSI ANS FOB	Grupo 1	546	.598	.69	4.608(1043)	.000*
	Grupo 2	499	.410	.63		
BSI IDE PARA	Grupo 1	356	1.24	.90	1.577(1042)	.115
	Grupo 2	688	1.15	.83		
BSI PSICOTIC	Grupo 1	546	.929	.81	5.712(1043)	.000*
	Grupo 2	499	.662	.70		
BSI SOMAT	Grupo 1	546	.673	.72	2.631(1042)	.009*
	Grupo 2	498	.561	.64		
BSI OBSS-COMP	Grupo 1	546	1.29	.84	3.708(1042)	.000*
	Grupo 2	498	1.11	.76		
BSI SEN INTE	Grupo 1	546	1.14	.94	3.937(1042)	.000*
	Grupo 2	498	.930	.81		

Nota. * Coeficientes com diferença significativa ($p<0.05$).

Na Tabela 7 analisámos o grau de associação entre o perdão-traço e a sintomatologia psicopatológica e entre a alta sensibilidade de processamento sensorial e a sintomatologia psicopatológica. Relativamente ao PT Total, verificou-se uma associação negativa com todas

O Efeito Mediador da Sintomatologia Psicopatológica no Perdão-Traço e na Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial

as escalas que compõem o BSI, bem como a HSP Total, encontrando-se mais fortemente correlacionada com a BSI_HOST ($r=-.349$), com a BSI SEN INTE ($r=-.298$) e com a BSI_PSICOTIC ($r=-.295$). Relativamente à HSP Total, verificou-se uma correlação positiva com todas as escalas, à exceção da PT Total ($r=-.076$), sendo que se encontra mais fortemente correlacionada com a BSI ANS ($r=.434$) e com a BSI OBSS-COMP ($r=.427$). Constatou-se ainda que a escala que está mais fortemente associada com o BSI IGS é a BSI ANS ($r=0.902$).

Tabela 7

Matriz de correlação da sintomatologia psicopatológica e o perdão traço e a alta sensibilidade de processamento sensorial

	(a)	(b)	(c)	(d)	(e)	(f)	(g)	(h)	(i)	(j)	(k)	(l)
(a)BSI DEP	1											
(b)BSI ANS	.771**	1										
(c)BSI HOST	.698**	.720**	1									
(d)BSI ANS FOB	.613**	.750**	.595**	1								
(e)BSI IDE PARA	.695**	.642**	.688**	.526**	1							
(f)BSI PSICO- TIC	.834**	.752**	.728**	.672**	.706**	1						
(g)BSI SOMAT	.618**	.765**	.649**	.676**	.551**	.636**	1					
(h)BSI OSS COMP	.744**	.749**	.674**	.625**	.652**	.761**	.670**	1				
(i)BSI SEN INTE	.812**	.733**	.680**	.636**	.755**	.781**	.581**	.746**	1			
(j)BSI IGS	.893**	.902**	.828**	.781**	.804**	.892**	.809**	.871**	.872**	1		
(k)PT Total	-.259**	-.239**	-.349**	-.214**	-.323**	-.295**	-.221**	-.220**	-.298**	-.307**	1	
(l)HSP Total	.356**	.434**	.316**	.270**	.369**	.336**	.312**	.427**	.395**	.431**	-.076*	1

Nota. **. A correlação é significativa ao nível 0.01 (bilateral).

*. A correlação é significativa ao nível 0.05 (bilateral).

Na Tabela 8, através da realização de uma Regressão tentou-se entender quais os modelos mais explicativos do perdão. No Modelo 1 procurou-se compreender o quanto a Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial explica o perdão, e no Modelo 2 procurou-se entender o quanto a HSPS e o IGS são explicativos do mesmo. Conforme indicado na Tabela 8 o primeiro modelo apenas explica 0,6% do perdão em função da HSP Total, e o segundo modelo explica 9,5% do perdão em função da HSP Total e do BSI_IGS, concluindo que ambos os modelos são pouco explicativos do mesmo. Ainda assim, através da realização de uma ANOVA, e analisando os valores de *p-value* da regressão, concluiu-se que tanto o Modelo 1 ($p\text{-value}=0.009$) como o Modelo 2 ($p\text{-value}=0.000$) são significativos.

O Efeito Mediador da Sintomatologia Psicopatológica no Perdão-Traço e na Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial

Tabela 8

Sumarização dos modelos

Modelo	R	R quadrado	<i>R quadrado ajustado</i>	Erro padrão da estimativa
1	.085	.007	.006	.63919
2	.311	.097	.095	.61005

Variável dependente: PT Total

Desta forma, como se verifica na Tabela 9, através da análise dos Coeficientes tentou-se entender quais as variáveis que são significativas na explicação do perdão, verificando que no Modelo 1, a HSP Total é significativa (p-value=0.009), enquanto que no Modelo 2, a HSP Total não é significativa (p-value=0.095), mas a BSI IGS é significativa (p-value=0.000).

Tabela 9

Análise de Coeficientes

Modelo	B	SE	<i>β</i>	<i>t</i>	<i>p</i>
1 HSP Total	-.064	.024	-.085	-2.632	.009
2 HSP Total	.043	.026	.057	1.670	.095
BSI IGS	-.317	.033	-.331	-9.652	.000

Variável dependente: PT Total

Através da realização de uma Regressão procurou-se explicar o perdão através de um terceiro modelo, onde se inseriu a HSP Total e todas as escalas que compõem o BSI. Conforme indicado na Tabela 10 este modelo é mais explicativo do que os anteriores, pois explica 13,7% do perdão em função das variáveis mencionadas. Através da realização de uma ANOVA, e analisando os valores de *p-value* da regressão, concluímos que o Modelo 3 é significativo (p-value=0.000).

Tabela 10

Sumarização do modelo

Modelo	R	R quadrado	<i>R quadrado ajustado</i>	Erro padrão da estimativa
3	.384	.147	.137	.59564

Variável dependente: PT Total

Por último, na Tabela 11, tentou-se entender, dentro do próprio modelo, quais as variáveis que têm maior peso na explicação do perdão. A Hostilidade (p-value=0.000), a escala de Ideação Paranóide (p-value=0.048) e a escala de Sensibilidade Interpessoal (p-value=0.032) são as variáveis mais significativas.

Tabela 11

Análise de Coeficientes

Modelo	B	SE	<i>B</i>	<i>t</i>	<i>p</i>
3 HSP Total	.029	.026	.039	1.119	.263
BSI IGS	.367	.596	.384	.615	.538
BSI DEP	.016	.091	.024	.180	.857
BSI ANS	-.028	.096	-.033	-.292	.771
BSI HOST	-.266	.073	-.313	-3.657	.000
BSI ANS FOB	-.030	.075	-.031	-.401	.689
BSI IDE PARA	-.134	.068	-.181	-1.977	.048
BSI PSICOTIC	-.121	.081	-.144	-1.493	.136
BSI SOMAT	-.057	.100	-.061	-.574	.566
BSI OBSS-COMP	.068	.086	.085	.790	.430
BSI SEN INTE	-.137	.064	-.192	-2.150	.032

Variável dependente: PT Total

4. Discussão

Em Portugal são escassas as investigações acerca da temática da alta sensibilidade de processamento sensorial, e por isso, é um desafio realizar um estudo sobre a mesma, assim como conseguir fazer ponte com outras variáveis - nomeadamente o perdão-traço e a sintomatologia psicopatológica. O perdão tem grande importância para a prática clínica, pois existem várias demandas que podem ser enfrentadas através do mesmo, pelo que, ao conhecer os seus aspetos, o psicólogo estará mais instrumentalizado para ajudar os pacientes, apontando-lhes diversos caminhos para lidar com o seu problema (Santana & Lopes, 2012).

Pode afirmar-se que se conseguiu responder aos objetivos iniciais de investigação: (a) explorar a relação entre a sintomatologia psicopatológica, a alta sensibilidade de processamento sensorial e o perdão-traço; (b) compreender a relação entre as variáveis em função do género e da idade; e, (c) compreender quais as variáveis que têm maior peso na explicação do perdão-traço.

Quanto aos participantes, uma das mais-valias para o estudo é a dimensão da amostra, de 1048 sujeitos, 357 do género masculino e 691 do género feminino. Ainda que as idades variem entre os 18 e os 80 anos, visto que a amostra é maioritariamente jovem, tendo em conta o ponto de corte da mediana de idades (22 anos) considerou-se como sujeitos mais novos os indivíduos com idade igual ou inferior a 22 anos, e como sujeitos mais velhos os indivíduos com idade igual ou superior a 23 anos.

Na presente investigação, a média relativamente à Escala de Perdão-Traço é de 3.40, que de acordo com o tipo de escala utilizada pelos autores, é um número ligeiramente acima da média, uma vez que valores acima de 3 dizem respeito a indivíduos com maior tendência a perdoar. A média relativamente à Escala de Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial é de 4.47, pelo que de acordo com o tipo de escala utilizada pelos autores, também se

encontra ligeiramente acima da média, dado que valores acima de 4 dizem respeito a sujeitos com maiores níveis de sensibilidade de processamento sensorial. Já quanto à sintomatologia psicopatológica, verifica-se que os sintomas que predominam nesta amostra são as obsessões-compulsões e a ideação paranoide.

Quanto à relação das variáveis em função do género, verifica-se que o género feminino apresenta valores mais elevados de perdão-traço, de alta sensibilidade e em todas as subescalas que compõem o BSI, à exceção do psicoticismo. Tais resultados não vão ao encontro da investigação realizada por Neto e Mullet (2004) que concluíram que existia uma maior vontade geral de perdoar no género masculino. Quanto às diferenças significativas entre os géneros foram estas no IGS (feminino com $M=.937$; masculino com $M=.826$), na alta SPS (feminino com $M=4.64$; masculino com $M=4.15$), na ansiedade (feminino com $M=.964$; masculino com $M=.802$), nas obsessões-compulsões (feminino com $M=1.24$; masculino com $M=1.12$) e na sensibilidade interpessoal (feminino com $M=1.10$; masculino com $M=.934$).

Já relativamente à relação das variáveis em função da idade, conclui-se que são os sujeitos mais novos que apresentam valores mais elevados em todas as escalas, à exceção do perdão-traço. Tais resultados vão ao encontro de estudos anteriores (e.g., Girard e Mullet, 1997) que defendem que existe um aumento na tendência a perdoar da adolescência à velhice, pelo que indivíduos mais velhos perdoam mais. Quanto às diferenças significativas entre os sujeitos mais velhos e mais novos, estas verificam-se em todas as escalas à exceção da alta sensibilidade de processamento sensorial e da ideação paranoide.

Embora pareça não existir evidências científicas que relacionem o perdão e a Teoria da Seletividade Socioemocional, vários autores têm encontrado nesta uma possível explicação para o facto de sujeitos mais velhos terem maior tendência a perdoar uma transgressão, do que sujeitos mais novos (e.g., Lang & Carstensen, 2002). Segundo a Teoria, esta tendência relaciona-se com a perspectiva de tempo futuro, por ser a força dominante que dá forma à motivação humana e aos objetivos individuais (Lang & Carstensen, 2002). Deste modo, os sujeitos têm noção do tempo de vida que lhes resta fazendo com que: no caso dos indivíduos mais novos, uma vez que o tempo é tido como em aberto, dá-se prioridade a objetivos que visem otimizar o futuro; já no caso dos indivíduos mais velhos, visto que há uma noção de tempo como mais limitado, dá-se prioridade a objetivos que visem otimizar o funcionamento emocional (Allemand, 2008). Após uma transgressão é comum existir um estado de mágoa emocional, pelo que o perdão pode ajudar no alívio das emoções negativas, assim como ter efeitos positivos sobre a saúde e bem-estar individual.

No que diz respeito à correlação entre as variáveis verifica-se uma correlação negativa do perdão-traço com todas as variáveis, destacando-se a hostilidade ($r=.349$), a sensibilidade interpessoal ($r=-.298$) e o psicoticismo ($r=-.295$). Já a alta sensibilidade de processamento sensorial tem uma correlação positiva com todas as escalas (excepto com o perdão-traço), estando mais fortemente correlacionada com a ansiedade ($r=.434$), indo ao encontro de estudos existentes (e.g., Liss, Mailloux, & Erchull, 2005) e com as obsessões-compulsões ($r=.427$).

Tanto na presente investigação, como na literatura publicada de investigações empíricas existem evidências da correlação negativa entre o perdão-traço e a sintomatologia psicopatológica, pelo que à medida que o perdão aumenta, aumentam também os indicadores de saúde mental. Como referido anteriormente, a hostilidade diz respeito a pensamentos, emoções e comportamentos próprios do estado afetivo de cólera; a sensibilidade interpessoal inclui sentimentos de inadequação pessoal e/ou inferioridade; e, o psicoticismo relaciona-se com o isolamento social. Ora, é possível fazer uma ponte entre estes sintomas, e compreender que a ausência de perdão leva a maiores níveis de sentimentos de cólera (e.g., ruminções de raiva frequentes), de inadequação pessoal (e.g., maior vulnerabilidade) e isolamento social (e.g., procurar manter distância do transgressor).

Já na alta sensibilidade de processamento sensorial, a relação entre esta e os indicadores de saúde, tem sido um assunto que parece não ser unânime. Se por um lado, existem autores que defendem que a hiperconscienciosidade das pistas sociais pode ajudar o indivíduo a reduzir a tendência à opressão pelo ambiente, sendo mais intuitivos e adquirindo informação com menor esforço (e.g., Ahadi & Basharpour, 2010), outros autores defendem que o excesso de informação a que estão atentos pode levar a níveis de excitação elevada e a um estado de sobrestimulação do sistema nervoso (e.g., Aron, 1996). Como referido também anteriormente, a ansiedade inclui nervosismo e tensão; e, as obsessões-compulsões dizem respeito a cognições, impulsos e comportamentos persistentes que o indivíduo não consegue controlar. Também aqui é possível fazer ligação entre a alta SPS e estes sintomas, pois uma maior consciencialização das subtilezas (externas e internas) pode levar a um maior nervosismo e tensão (e.g. reparam em aspetos que passam despercebidos para outros sujeitos) que são incontroláveis para o próprio.

Relativamente à explicação do perdão em função de diversas variáveis conclui-se que o Modelo 1 e Modelo 2 embora sejam significativos, explicam pouco do perdão - o primeiro explica 0.6% do perdão em função da HSP Total, e o segundo explica 9.5% em função do Índice Geral de Sintomas. Já o Modelo 3, que também é significativo, é o mais explicativo de todos (embora não seja possível fazer muitas inferências através deste valor) - explica 13.7% do perdão em função da HSP Total, e de cada subescala do BSI (incluindo o IGS). Através da análise dos coeficientes, verifica-se que a hostilidade, a ideação paranoide e a sensibilidade interpessoal são as que têm maior peso na explicação do perdão neste modelo. Esta informação pode ser útil para estudos futuros, no sentido de se pegar nas variáveis mencionadas e utilizá-las para entender o perdão através de instrumentos direcionados para estes sintomas em específico.

Quanto às limitações desta investigação refere-se o facto de os participantes serem maioritariamente jovens ($M=29.4$; $Moda=20.0$) e de se tratar de uma amostra de conveniência em que os valores parecem estar dentro da normatividade.

Em estudos futuros, poderá ser útil avaliar as diferenças no perdão intrapessoal, uma vez que parece não existir muita informação entre as variáveis em estudo e o mesmo, assim

O Efeito Mediador da Sintomatologia Psicopatológica no Perdão-Traço e na Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial

como fazer uma distinção mais clara entre o perdão inter e intrapessoal (e.g., em vez de se falar em perdoar no geral).

Referências Bibliográficas

- Ahadi, B. & Basharpour, S. (2010). Relationship between sensory processing sensitivity, personality dimensions and mental health. *Journal Of Applied Sciences*, 10(7), 570-574.
- Allemand, M. (2008). Age differences in forgivingness: the role of future time perspective. *Journal Of Research In Personality*, 42(5), 1137-1147.
- Aron, E. (1996). *The highly sensitive person: how to thrive when the world overwhelms you*. Broadway Books: New York.
- Aron, E. N. & Aron, A. (1997). Sensory-processing sensitivity and its relation to introversion and emotionality. *Journal Of Personality And Social Psychology*, 73, 345-368.
- Aron, A., Ketay, S., Hedden, T., Aron, E. N., Rose M., H., & Gabrieli, J. D. (2010). Temperament trait of sensory processing sensitivity moderates cultural differences in neural response. *Social Cognitive And Affective Neuroscience*, 5(2-3), 219-226.
- Balliet, D. (2010). Conscientiousness and forgivingness: a meta-analysis. *Personality And Individual Differences*, 48(3), 259-263.
- Benham, G. (2006). The highly sensitive person: stress and physical symptom reports. *Personality And Individual Differences*, 40(7), 1433-1440.
- Berry, J. W., Worthington, E. L., Parrott L., O'Connor, L. E., & Wade, N. G. (2001). Dispositional forgivingness: development and construct validity of the transgression narrative test of forgivingness (tntf). *Personality And Social Psychology Bulletin*, 27(10), 1277-1290.
- Berry, J. W., Worthington, E. L., O'Connor, L. E., Parrott L., & Wade, N. G. (2005). Forgivingness, vengeful rumination, and affective traits. *Journal Of Personality*, 73(1), 184-226.
- Booth, C., Standage, H., & Fox, E. (2015). Sensory-processing sensitivity moderates the association between childhood experiences and adult life satisfaction. *Personality And Individual Differences*, 87, 24-29.

O Efeito Mediador da Sintomatologia Psicopatológica no Perdão-Traço e na Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial

- Brieger, P., Sommer, S., Blöink, R., & Marneros, A. (2000). The relationship between five-factor personality measurements and ICD-10 personality disorder dimensions: Results from a sample of 229 subjects. *Journal Of Personality Disorders*, 14, 282-290.
- Burnette, J. L., Taylor, K. W., Worthington, E. L., & Forsyth, D. R. (2007). Attachment and trait forgivingness: the mediating role of angry rumination. *Personality And Individual Differences*, 42(8), 1585-1596.
- Carstensen, L. L. (1992). Social and emotional patterns in adulthood: support for socioemotional selectivity theory. *Psychology And Aging*, 7, 331-338.
- Carstensen, L. L., Isaacowitz, D. M., & Charles, S. T. (1999). Taking time seriously: a theory of socioemotional selectivity. *American Psychologist*, 54, 165-181.
- Charles, S. T., Gatz, M., Kato, K., & Pedersen, N. L. (2008). Physical health 25 years later: the predictive ability of neuroticism. *Health Psychology*, 27, 369-378.
- Charzyńska, E., & Heszen, I. (2013). The capacity to forgive and its measurement with the polish adaptation of the forgiveness scale. *Przełąd Psychologiczny*, 56, 423-446.
- Cheek, J. M., Bourgeois, M. L., Theran, S. A., Grimes, J. O., & Norem, J. K. (2009). Interpreting the factors of the highly sensitive person scale. In *annual meeting of the society for Personality and Social Psychology, Tampa, FL*.
- Donovan, L. A. & Priester, J. R. (2017). Exploring the psychological processes underlying interpersonal forgiveness: the superiority of motivated reasoning over empathy. *Journal Of Experimental Social Psychology*, 71, 16-30.
- Eysenck, H. J. (1957). *The dynamics of anxiety and hysteria*. London: Routledge and Kegan Paul.
- Enright, R. (2008). *O poder do perdão*. Cruz Quebrada: Estrela Polar.
- Fehr, R., Gelfand, M. J., & Nag, M. (2010). The road to forgiveness: a meta-analytic synthesis of its situational and dispositional correlates. *Psychological Bulletin*, 136(5), 894-914.
- Fincham, F. D. & Beach, S. R. (2002). Forgiveness in marriage: implications for psychological aggression and constructive communication. *Personal Relationships*, 9, 239-251.

O Efeito Mediador da Sintomatologia Psicopatológica no Perdão-Traço e na Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial

- Finkel, E. J. & Campbell, W. K. (2001). Self-control and accommodation in close relationships: an interdependence analysis. *Journal Of Personality And Social Psychology*, 81, 263-277.
- Fischbacher, U. & Utikal, V. (2013). On the acceptance of apologies. *Games And Economic Behavior*, 82, 592-608.
- Girard, M. & Mullet, E. (1997). Forgiveness in adolescents, young, middle-aged, and older adults. *Journal Of Adult Development*, 4, 209-220.
- Grimen, H. L., & Diseth, A. (2016). Sensory processing sensitivity: factors of the highly sensitive person scale and their relationships to personality and subjective health complaints. *Perceptual And Motor Skills*, 123(3), 637-653.
- Hofmann, S. G. & Bitran, S. (2007). Sensory-processing sensitivity in social anxiety disorder: relationship to harm avoidance and diagnostic subtypes. *Journal Of Anxiety Disorders*, 21(7), 944-954.
- Homberg, J. R., Schubert, D., Asan, E., & Aron, E. N. (2016). Sensory processing sensitivity and serotonin gene variance: insights into mechanisms shaping environmental sensitivity. *Neuroscience And Biobehavioral Reviews*, 71, 472-483.
- Jeter, W. K. & Brannon, L. A. (2018). 'I'll make it up to you:'examining the effect of apologies on forgiveness. *The Journal Of Positive Psychology*, 13(6), 597-604.
- Kaleta, K. & Mróz, J. (2017). Forgiveness and life satisfaction across different age groups in adults. *Personality And Individual Differences*, 120, 17-23.
- Konrad, S., & Herzberg, P. Y. (2017). Psychometric properties and validation of a german high sensitive person scale (HSPS-G). *European Journal Of Psychological Assessment*.
- Lang, F. R. & Carstensen, L. L. (2002). Time counts: future time perspective, goals, and social relationships. *Psychology And Aging*, 17, 125-139.
- Liss, M., Timmel, L., Baxley, K., & Killingsworth, P. (2005). Sensory processing sensitivity and its relation to parental bonding, anxiety, and depression. *Personality And Individual Differences*, 39, 1429-1439.

O Efeito Mediador da Sintomatologia Psicopatológica no Perdão-Traço e na Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial

- Lynam, D. R., & Widiger, T. A. (2001). Using the five-factor model to represent the DSM-IV personality disorders: an expert consensus approach. *Journal Of Abnormal Psychology*, 110, 401-412.
- McCullough, M. E., Worthington, E. L., & Rachal, C. (1997). Interpersonal forgiving in close relationships. *Journal Of Personality And Social Psychology*, 73(2), 321-336.
- McCullough, M. E. (2001). Forgiveness: who does it and how do they do it?. *Current Directions In Psychological Science*, 10(6), 194-197.
- Mullet, D. R., Rim, A. N., Jett, N., & Nyikos, T. (2016). Sensory processing sensitivity among higher ability adults: a psychometric evaluation of two versions of the highly sensitive person scale. Retirado de researchgate.net.
- Neto, F. & Mullet, E. (2004). Personality, self-esteem, and self-construal as correlates of forgiveness. *European Journal Of Personality*, 18, 15-30.
- Santana, R. G., & Lopes, R. F. F. (2012). Aspectos conceituais do perdão no campo da psicologia. *Psicologia: Ciência E Profissão*, 32(3), 618-631.
- Sastre, M. T., Vinsonneau, G., Chabrol, H., & Mullet, E. (2005). Forgiveness and the paranoid personality style. *Personality And Individual Differences*, 38, 765-772.
- Shaver, P. R. & Mikulincer, M. E. (2011). Human aggression and violence: causes, manifestations, and consequences. *American Psychological Association*.
- Simões, M. R., Machado, C., Gonçalves, M. M., & Almeida, L. S. (n.d.). *Avaliação psicológica: instrumentos validados para a população portuguesa*. Quarteto.
- Smolewska, K. A., McCabe, S. B., & Woody, E. Z. (2006). A psychometric evaluation of the highly sensitive person scale: the components of sensory-processing sensitivity and their relation to the BIS/BAS and "big five". *Personality And Individual Differences*, 40, 1269-1279.
- Subkoviak, M. J., Enright, R. D., Wu, C. R., Gassin, E. A., Freedman, S., Olson, L. M., & Sarinopoulos, I. (1995). Measuring interpersonal forgiveness in late adolescence and middle adulthood. *Journal Of Adolescence*, 18(6), 641-655.

O Efeito Mediador da Sintomatologia Psicopatológica no Perdão-Traço e na Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial

- Tabak, B. A., McCullough, M. E., Luna, L. R., Bono, G., & Berry, J. W. (2012). Conciliatory gestures facilitate forgiveness and feelings of friendship by making transgressors appear more agreeable. *Journal Of Personality, 80*(2), 503-536.
- Topp, N. W. & Pawloski, B. (2002). Online Data Collection. *Journal Of Science Education And Technology 11*(2), 173-178.
- Toussaint, L. L., Williams, D. R., Musick, M. A., & Everson, S. A. (2001). Forgiveness and health: age differences in a U.S. probability sample. *Journal Of Adult Development, 8*, 249-257.
- Utikal, V. (2013). I am sorry: Honest and fake apologies.
- Wade, N. G. & Worthington, E. L. (2005). In search of a common core: a content analysis of interventions to promote forgiveness. *Psychotherapy: Theory, Research, Practice, Training, 42*, 160.

ANEXO TEÓRICO

Implicações da sintomatologia psicopatológica na Alta SPS

Segundo Sobocko e Zelenski (2015) existem várias formas de os indivíduos experienciarem e responderem ao que os rodeia. Os indivíduos altamente sensíveis são pessoas cuja sensibilidade de processamento sensorial (SPS) aos estímulos do ambiente é tão intensa que pode interferir com o seu quotidiano (Aron & Aron, 1997), e incide sobre cerca de 15% a 20% da população (Aron, 1996). Uma vez que a SPS pode influenciar a forma pela qual os sujeitos processam a informação proveniente do ambiente, a interação entre o ambiente e a SPS pode, por sua vez, afetar o bem-estar psicológico de cada um (Aron, Aron, & Davies, 2005).

Indivíduos altamente sensíveis tendem a ser mais cautelosos, precisando de um tempo extra consigo mesmos, o que pode fazer com que as outras pessoas possam vê-los como tímidos, frágeis ou até mesmo antissociais. De maneira a evitar estes rótulos, os indivíduos tentam agir de modo normativo, podendo provocar uma grande sobrecarga e angústia que, por sua vez, pode mesmo levar à atribuição do rótulo de neurótico ou perturbado, tanto para os outros como para si mesmos (Aron, 1996).

Aron e Aron (1997) identificaram duas estratégias na forma como as pessoas lidam com mudanças no ambiente: aproximação e exploração de novos estímulos vs. vigilância, avaliação e posterior evitamento. Estes autores defendem que, cada indivíduo adota uma estratégia tendo em conta a sua SPS e o modo como a informação sensorial é processada pelo cérebro, sendo que pessoas altamente sensíveis têm uma maior tendência a selecionar o evitamento. Um estudo realizado pelos mesmos autores concluiu que a SPS de indivíduos altamente sensíveis faz com que estes se sintam superexcitados e oprimidos por estímulos sensoriais, tais como cheiros fortes, ruídos altos, luzes brilhantes e sabores fortes. Aron (2004) afirma que quando existe um efeito oposto, este ocorre uma vez que o indivíduo se envolve num processamento profundo de nova informação antes de passar à ação e/ou adotar medidas, permitindo-lhe reparar nas subtilezas dos estímulos.

Assim, Aron (2004) defende que a alta sensibilidade e a hiperconscienciosidade das pistas sociais levam estes sujeitos a uma elevada excitação em situações que, para os outros, poderão ser consideradas moderadamente excitantes. Esta excitação excessiva faz com as pessoas altamente sensíveis, muitas vezes possam ser vistas como menos lógicas e significativas nas suas ações, que, por sua vez, pode conduzir a uma baixa autoeficácia e a altos níveis de alienação (Sobocko & Zelenski, 2015). Pode ainda levar a um estado de esgotamento extremo em que a pessoa atinge um ponto de desligamento denominado por inibição transmarginal (Aron, 1996) isto é, o mecanismo de proteção contra a sobrestimulação do sistema nervoso (Keuss & Orlebeke, 1977).

Aron (1996) distingue excitação de medo, na medida em que o medo cria excitação, assim como muitas outras emoções (e.g., curiosidade, raiva), porém é possível que

a excitação ocorra através de pensamentos semiconscientes, podendo não criar nenhuma emoção óbvia, uma vez que os indivíduos não estão cientes do que o desperta.

Sujeitos altamente sensíveis tendem a aperceber-se de estímulos mais subtis no ambiente, sendo mais facilmente chamados à atenção por eles. A estimulação diz respeito a tudo o que desperte o sistema nervoso, e não se refere apenas a estímulos recebidos do exterior, mas também a estímulos internos, como a dor, tensão muscular, fome, sede e sentimentos sexuais (Aron, 1996).

Estas diferenças podem ter uma base genética, presente desde o nascimento. Isto não significa necessariamente que os indivíduos altamente sensíveis tenham os sentidos mais apurados; as diferenças parecem estar relacionadas com a forma como o cérebro trata a informação de modo mais cuidadoso, como se o cérebro de sujeitos altamente sensíveis organizasse a informação em mais subcategorias do que os indivíduos da população geral. Numa investigação realizada em 1996, Aron observou dois grupos: os que relataram dificuldades relacionadas com depressão e ansiedade, e os que relataram poucas dificuldades. Posteriormente, verificou que os sujeitos do primeiro grupo tinham tido, na sua maioria, infâncias problemáticas, enquanto tal não se observou nos do segundo grupo. O mesmo autor sugere que o facto de as pessoas altamente sensíveis serem mais afetadas por uma infância problemática poderá residir na capacidade de estes indivíduos atenderem a um maior número de detalhes e às implicações de experiências ameaçadoras (Aron, 1996).

SPS, dimensões de personalidade e sintomas psicopatológicos

Diversos estudos evidenciam a relação entre SPS e resultados mal-adaptativos (e.g., maior ansiedade, depressão, fracas competências sociais); Sobocko e Zelenski (2015) acreditam porém, que esta pode também estar associada a aspetos de vida mais desejáveis, como é o caso do bem-estar. Outro dos aspetos positivos é o facto de os indivíduos com alta SPS terem maior tendência a ser mais conscientes, intuitivos e evitarem mais erros (Ahadi & Basharpour, 2010); são ainda muito cientes das subtilezas ou das pequenas alterações, assim como poderão estar em maior sintonia com pensamentos e emoções - tanto seus, como os de que o rodeiam (Aron, 2010; cit. in Bakker & Moulding, 2012). Segundo Aron (2004) a maior consciencialização das subtilezas experienciadas por sujeitos com alta SPS pode originar uma maior intuição e capacidade de adquirir informação através de menos esforço (Aron, 2003; cit. in Bakker & Moulding, 2012).

Por outro lado, indivíduos com alta SPS apresentam maiores níveis de traços de ansiedade, assim como maior tendência para agorafobia e ansiedade social generalizada (Liss, Mailloux, & Erchull, 2005).

A discussão em torno dos aspetos negativos e positivos da SPS parece não ser consensual; se, por um lado, os indivíduos com alta SPS têm maior tendência a experienciar depressão e ansiedade (Liss, Timmel, Baxley, & Killingsworth, 2005), por outro lado, uma maior consciência disposicional está relacionada com menores níveis de stress, ansiedade e depressão (Barnhofer & Duggan, 2011). Ainda assim, pode ser parcialmente entendido, na

medida em que os indivíduos com alta SPS, ao apresentarem maior consciência dos estímulos, isso pode ajudar a reduzir a tendência à opressão pelo ambiente, que, por sua vez, decresce a relação entre SPS e ansiedade (Bakker & Moulding, 2012).

Outras pesquisas sugerem que indivíduos com alta SPS se tornam mais facilmente deprimidos através de experiências aversivas repetidas, de uma escassez de competências sociais, e de uma tendência a ficarem desagradavelmente superestimulados pelo ambiente, levando-os à retirada social (Liss, Mailloux, & Erchull, 2008).

SPS, BIS e BAS e estrutura fatorial

De modo a avaliar as diferenças individuais na sensibilidade de processamento sensorial (SPS) Aron e Aron (1997) desenvolveram a Escala de Pessoas Altamente Sensíveis (HSPS).

Alguns autores acreditam que a SPS, medida pela HSPS, é um construto que pode ser relativamente separado da introversão e do neuroticismo. Aron e Aron (1997) postularam que a HSPS estava correlacionada com a Escala de Introversão de Eysenck, pelo que, interpretaram essa relação como uma evidência da sua discrepância com a introversão, acreditando que esta última tratava todas as facetas da introversão como consequência da excitação cortical, não explicando então a alta SPS. Os mesmos defendem que a alta SPS é uma das várias manifestações de um Sistema de Inibição Comportamental (BIS) forte, embora isso não tenha sido testado empiricamente. Para alguns investigadores, a alteração na sensibilidade do BIS e BAS (Sistema de Ativação Comportamental) ocorre devido aos processos motivacionais e é o equilíbrio de ambos que cria a sensibilidade (Aron, 1996).

O BIS é sensível à punição, à não-recompensa e à novidade, e defende-se que a sua atividade é acompanhada por um estado subjetivo, no qual os indivíduos respondem a ameaças ou a incertezas, através de reações em que param, observam, ouvem e apenas depois se preparam para a ação (Smolewska, McCabe, & Woody, 2006). Assim, é responsável por um afastamento, tornando-nos mais atentos aos perigos, traduzindo-se num estado de alerta, cuidado e vigilância (Aron, 1996). Desta forma, perante níveis de excitação fisiológica o sujeito pode tornar-se hipervigilante, prestando atenção a uma maior variedade de estímulos, e fazendo com que este possa ser mais facilmente distraído, menos focado e sobrecarregado, ainda que com níveis mais reduzidos de estímulos; visto que a sensibilidade para estímulos negativos também aumenta, o sujeito pode ter maior tendência a antecipar o perigo em situações que para os outros podem ser consideradas comuns (Gray, 1991). Alguns autores defendem que este sistema tem um papel fundamental no processamento de novos estímulos, considerando-o como um substrato neuropsicológico do traço de personalidade - SPS (Aron & Aron, 1997).

Já o BAS é a fonte dos comportamentos dirigidos a um objetivo, dos sentimentos positivos e das respostas aos sinais de recompensa condicionados e não condicionados (Corr, 2002). Segundo Aron (1996) está interligado às zonas cerebrais responsáveis por levar as mensagens provenientes dos sentidos e enviar ordens para que os membros se movam; assim,

O Efeito Mediador da Sintomatologia Psicopatológica no Perdão-Traço e na Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial

é responsável por nos envolvermos em situações, sobretudo as novidades (e.g., comida fresca, companheirismo), e, quando o sistema atua, tornamo-nos curiosos, ousados e impulsivos.

Existe discussão acerca da unidimensionalidade ou multidimensionalidade da SPS. Autores como Aron e Aron (1997) definem a SPS como um traço amplo, mas que apenas reflete um fator; também Hoffman e Bitran (2007) defendem a unidimensionalidade do construto, através da replicação da estrutura unifatorial encontrada por Aron e Aron (1997) em que uma estrutura de apenas um fator foi responsável por 23.9% da variância total dos resultados. Por outro lado, outros investigadores encontraram uma estrutura de dois fatores: um relacionado à sensibilidade temperamental, e outro a uma vida interior mais rica (Cheek, Bourgeois, Theran, Grimas, & Norem, 2009); também Mullet, Rinn, Jett e Nyikos (2016) encontraram uma estrutura de dois fatores responsável por 39.3% da variância total: um relacionado a uma resposta emocional negativa a estímulos sensoriais intensos, e outro relacionado a um processamento atencional profundo de estímulos sensoriais internos e externos. Smolewska, McCabe e Woody (2006) defendem ainda uma estrutura de três fatores: *Aesthetic Sensitivity* (AES) - reflete uma consciência estética do ambiente envolvente; *Low Sensory Threshold* (LST) - reflete uma excitação sensorial desagradável relativa a estímulos externos; e, *Ease Of Excitation* (EOE) - reflete uma tendência para os indivíduos se tornarem mentalmente oprimidos por estímulos internos ou externos. Já Konrad e Herzberg (2017) acreditam que, ainda que existam vários fatores (AES, LST e EOE), estes se combinam naquilo a que chamaram fator geral de SPS.

Para Sobocko e Zelenski (2015) a unidimensionalidade da HSPS pode negligenciar o potencial para facetas mais discretas. Aron, Aron e Jagiellowicz (2012) defendem que a aplicação de análises fatoriais com base na HSPS pode não ser viável, pois ainda que a mesma tenha validade de construto, esta não foi traçada para identificar facetas do traço, podendo conduzir a resultados incongruentes com determinadas amostras e métodos. Segundo os autores, as análises fatoriais que têm sido desenvolvidas poderão basear-se em 80% da população que não é altamente sensível.

SPS e funcionamento cerebral

Existem evidências que relacionam a alta SPS e o gene transportador de serotonina da região polimórfica (5-HTTLPR), mais especificamente o alelo-s (curto) - embora existam outros estudos que também o relacionam com o alelo-l (longo) (Homberg, Schubert, Asan, & Aron, 2016).

Alguns autores demonstraram que tanto a SPS, como o 5-HTTLPR alelo-s estão associados com uma maior sensibilidade aos estímulos ambientais (Dobson & Brent, 2013); os resultados da HSPS são elevados tanto para os indivíduos portadores do 5-HTTLPR alelo-s, como para os indivíduos altamente sensíveis (Caspi, Hariri, Holmes, Uher, & Moffitt, 2010); tal como a SPS, o alelo-s do gene 5-HTTLPR foi associado a um maior risco de depressão,

ainda que apenas quando existiram adversidades no ambiente numa fase inicial de vida dos sujeitos (Pluess, Belsky, Way, & Taylor, 2010). Outros investigadores identificaram que o alelo-s do 5-HTTLPR estava ainda associado ao neuroticismo (Lesch, Bengel, Heils, Sabol, Greenberg, Petri, Benjamin, Müller, Hamer, & Murphy, 1996), mesmo que em situações em que os indivíduos tivessem sido expostos a influências negativas do ambiente (Pluess et al., 2010).

Um estudo em que indivíduos adultos saudáveis visualizaram filmes sobre perigo concluiu que, à semelhança de indivíduos com alta SPS, também os indivíduos portadores do 5HTTLPR alelo-s apresentaram maiores níveis de empatia, sendo que as respostas empáticas e a reatividade fisiológica tinham valores mais elevados em indivíduos transportadores do alelo-l (Gyurak, Haase, Sze, Goodkind, Coppola, Lane, Bruce, & Robert, 2013).

Como referido anteriormente, os indivíduos com alta SPS têm tendência a apresentar maiores níveis de consciencialização. Por sua vez, esta aumenta consideravelmente a atividade neuronal no processo de empatia em várias regiões da linha cortical (Ernst, Northoff, Böker, Seifritz, & Grimm, 2013); os padrões neuronais em indivíduos portadores do alelo-s podem então estar relacionados, tanto com as capacidades empáticas, como com a maior sensibilidade às expressões emocionais dos outros.

SPS e estados de consciência

A alteração dos estados de consciência refere-se a mudanças transitórias na experiência subjetiva consciente para estados de vigília considerados como mais normativos (Tart, 2000). Estes podem ocorrer através de indução voluntária (e.g., meditação, hipnose) mas também através de sonhos ou pensamentos (Jonsson, Grim & Kjellgren 2014).

Jonsson, Grim e Kjellgren (2014) realizaram um estudo sobre a alteração de estados de consciência durante um período de isolamento sensorial, através de uma terapia num tanque de flutuação. Esta terapia foi utilizada para induzir um estado de abrandamento profundo, através da minimização de estímulos sensoriais, pois o indivíduo encontra-se dentro de um tanque silencioso e escuro, com água saturada de sal mantida à temperatura regular da pele e com uns tampões nos ouvidos.

Segundo Kjellgren, Lindahl e Norlander (2009) a alteração de estados de consciência que ocorre durante a terapia diz respeito à ausência de peso, alteração da perceção de tempo, imagens mentais e alterações na perceção corporal e expressão emocional. Os pensamentos recorrentes neste tipo de terapia são mais direcionados para o estado do aqui e agora, e o tipo e grau variam de indivíduo para indivíduo. Para Dietrich (2007) os sujeitos que experienciam mais fortemente a alteração de estados de consciência, têm visto um maior número de benefícios do tratamento no que diz respeito ao alívio da depressão, ansiedade e stress.

Uma possível explicação para isto pode estar relacionada com os traços de personalidade. Uma investigação realizada por Kjellgren, Lindahl e Norlander (2009) concluiu que indivíduos altamente sensíveis tendem a experienciar significativamente mais desvios do

estado comum durante esta terapia, do que pessoas com menor sensibilidade. Os mesmos autores defendem que um elevado nível de SPS poderia prever um maior grau de alteração de estados de consciência durante a terapia, assim como os indivíduos podem considerar a mesma mais benéfica, nomeadamente através do alívio do stress.

Ainda assim, estes sujeitos apresentam maiores níveis de ansiedade relacionados com a alteração dos estados de consciência durante a privação sensorial, que podem ser explicados uma vez que estes se sentem mais facilmente oprimidos por estímulos sensoriais e estão mais cientes de outras sutilezas, como a luz e o ruído. Deste modo, a ansiedade coloca os indivíduos numa posição em que estão constantemente conscientes de um número ilimitado de informação que têm de processar e integrar, gerando então uma maior carga de trabalho mental (Jonsson, Grim, & Kjellgren, 2014).

Implicações da sintomatologia psicopatológica no perdão-traço

De acordo com McCullough (2001) uma vez que os indivíduos se relacionam com outros, é inevitável que não se sintam atacados e/ou ofendidos por eles. A imperfeição dos indivíduos significa que a mágoa ou lesão é inevitável, e assim, quando ocorre, é particularmente aguda precisamente porque todas as pessoas se tornam vulneráveis (Fincham, 2000). Desta forma, os sujeitos criam estratégias para responder a tais transgressões. Uma delas diz respeito ao evitamento, em que a pessoa procura manter distância do transgressor; já na vingança, o sujeito procura uma oportunidade de prejudicar o transgressor na mesma proporção (McCullough, 2001).

A vingança, em vez de ter como objetivo tentar restaurar a igualdade, é muitas vezes utilizada para proporcionar alívio à pessoa lesada (Ho, ForsterLee, ForsterLee, & Crofts, 2002). É quase sempre acompanhada de uma raiva intensa (Buss, 1961; cit. in Bradfield & Aquino, 1999) e costuma seguir-se de um período de reflexão sobre o dano que foi feito à vítima (Bar-Elli & Heyd, 1986). Quanto maior for o dano experienciado, maior tende a ser a responsabilidade atribuída ao transgressor. Neste sentido, o perdão é tido como uma estratégia de enfrentamento aceitável quando o delito não é considerado como muito grave pela vítima (Bradfield & Aquino, 1999).

Segundo Fitzgibbons (1986) a vingança pode ser prejudicial, uma vez que é frequentemente acompanhada de raiva reprimida que nem sempre é emocionalmente saudável. Esta também tem sido criticada como forma de resolver conflitos, fazendo com que os indivíduos os contornem, levando a uma cadeia recíproca de vingança e contra-vingança, que pode durar semanas, meses ou até mesmo gerações (Kim & Smith, 1993). O pensamento obsessivo sobre vingança pode então criar uma barreira cognitiva para a consideração das estratégias para o processo perdão (Bradfield & Aquino, 1999).

Diversos estudos demonstraram que indivíduos com tendência disposicional para perdoar os outros, têm menor probabilidade de procurar vingança contra o transgressor (Brown, 2003) e maior probabilidade de ter melhores relações conjugais (Paleari, Regalia & Fincham, 2005) e familiares (Maio, Thomas, Fincham, & Carnelley, 2008).

Para Hunter (1978) o processo de perdoar ocorre de duas formas distintas. A primeira forma diz respeito ao perdão "genuíno". Caracteriza-se pela cessação da animosidade, que por sua vez está relacionado a uma redução da necessidade de justificações defensivas de impulsos inaceitáveis (reativos e instintivos), uma aceitação das próprias imperfeições e da impessoalidade de muitas das vicissitudes da vida, através da empatia. Já a segunda forma diz respeito à formação de uma reação, uma defesa contra a agressão vingativa. Deste modo uma premissa que expressa retaliação - e.g., "poderia prejudicar-te pelo que me fizeste", transforma-se numa premissa substituta - e.g. "vou amar-te e fingir que não me sinto magoado contigo". Assim, este falso esquecimento, ou a ideia quase forçada de "deixar o passado lá atrás", faz com que o perdão não exista de facto, e com que o sujeito nutra uma memória de um passado injusto, de modo a precipitar ou fantasiar uma nova injustiça.

Alguns autores afirmam que a vingança serve como uma tentativa de corrigir uma ofensa interpessoal, consistindo numa ação agressiva para com o transgressor; pode ainda ser vista como a predisposição para devolver dano por dano. Pode ter, entre outros, três objetivos: equilíbrio da "balança" - isto é, o desejo de restaurar um equilíbrio moral; instrução moral - cuja função é dar uma lição moral ao transgressor, de maneira a que este saiba que o seu comportamento não será tolerado (diferente do objetivo anterior, dirigido especificamente ao transgressor, este pode não ser especificamente dirigido a algo em particular); e, salvar a própria imagem - isto é, uma tentativa de mudar a crença do transgressor, para que este saiba que não o deve desrespeitar, através de uma resposta mais agressiva que reflete o seu próprio valor ou autoestima.

Outros autores acreditam que as discórdias, mágoas e conflitos fazem parte da aprendizagem e maturação, de uma perspectiva das relações interpessoais, e que se definem pela qualidade de injustiça cometida, pelo tipo e qualidade de relação entre o ofendido/ofensor e, pelo grau em que os indivíduos percebem as injustiças (Laursen & Collins, 1994).

Enright, Santos e Al-Mabuk (1989) desenvolveram um modelo que consiste em seis estádios de justiça, e nas hipóteses do desenvolvimento do perdão subjacentes a cada um:

O primeiro estádio corresponde a uma justiça orientada pela punição e obediência, isto é, quando o sujeito acredita que a justiça e a punição devem ser decididas por quem de direito; a este corresponde a hipótese do perdão vingativo, em que o indivíduo acredita que apenas pode perdoar alguém, se puder puni-lo num grau igual ou semelhante ao sofrimento que lhe foi causado.

O segundo estágio corresponde a uma justiça relativista; cada sujeito define a justiça para si, de acordo com um senso de reciprocidade, isto é, se o transgressor o ajudar, é possível que ele também o ajude. A este corresponde a hipótese do perdão retributivo ou compensatório, em que o indivíduo acredita que se receber de volta o que lhe foi retirado (ou aquilo de que foi privado) poderá então perdoar, pelo que poderá perdoar para aliviar a culpa de não perdoar.

O terceiro estágio corresponde a uma justiça onde aquilo que se tem em consideração é o consenso do grupo, e é este quem decide o que é certo e o que é errado, isto é, assenta na aceitação social; a este corresponde a hipótese do perdão expectável, na medida em que o sujeito perdoa se os outros fizerem pressão para tal, pois é mais fácil perdoar quando os outros esperam que o faça.

O quarto estágio corresponde a uma justiça assente nas leis e na ordem, baseado na ideia de que as leis da sociedade são as linhas orientadoras da justiça, pelo que o indivíduo as defende, de modo a viver numa sociedade organizada; a este corresponde um perdão expectável por lei, em que o indivíduo perdoa quando a sua religião exige que o faça (e não para aliviar a culpa que possa sentir).

O quinto estágio corresponde a uma justiça orientada por um contrato social, em embora o indivíduo tenha em conta aquilo que estrutura a sociedade, também tem consciência de que existem leis injustas, e assim pode considerar justo trabalhar dentro do sistema para que exista uma mudança; a este corresponde um perdão como forma de obter harmonia social, em que os sujeitos perdoam se isso puder restaurar a harmonia e as boas relações na sociedade, diminuindo os atritos e os conflitos, e funcionando então como forma de controlar a sociedade e manter a pacificidade nas relações.

Por último, o sexto estágio corresponde a uma justiça orientada por princípios éticos universais, em que o sentido de justiça de cada indivíduo é baseado na manutenção dos direitos individuais de todas as pessoas, pelo que, é a consciência de cada um (e não as leis ou normas) que determinará aquilo que deverá aceitar quando existam transgressões; a este corresponde o perdão como forma de amor, em que o sujeito perdoa na medida em que isso promove genuinamente o sentido de amor, e acredita que uma transgressão da outra parte não altera esse sentimento. Este tipo de perdão faz com que o indivíduo possa cessar desejos de vingança, e liberta o transgressor de ressentimentos.

Autores como McCullough (2001) defendem que o perdão consiste fundamentalmente numa mudança motivacional pró-social por parte do indivíduo ofendido; assim, assume-se que quando alguém perdoa, o desejo de vingança para com o transgressor diminui, podendo levar a uma maior motivação para agir de modo a beneficiar, tanto o transgressor, como a sua relação com o mesmo. Deste modo, os autores acreditam que quando um sujeito diz perdoar o transgressor, as suas percepções acerca do mesmo já não carregam sentimentos carregados de evitamento ou vingança.

O perdão pode ainda servir como um agente aliviador do sofrimento emocional (Berry, Worthington, Parrott, O'Connor, & Wade, 2001). Alguns estudos sugerem que

indivíduos com maior disposição para perdoar os transgressores tendem a ser mais agradáveis e com maior estabilidade emocional do que pessoas que não apresentam esta disposição (McCullough, 2001).

Ohtsubo, Yamaura e Yagi (2015) defendem que o perdão não apenas é importante pelo facto de os relacionamentos próximos estarem associados a vários benefícios (e.g., aumento do bem-estar subjetivo, diminuição do risco de problemas físicos e mentais), mas também porque o estado em que o indivíduo se encontra quando não perdoa (onde se inclui o rancor) é causador de um grande stress, tornando-se prejudicial para a saúde (Worthington, Witvliet, Pietrini, & Miller, 2007). Thoresen, Harris e Luskin (2000) enumeraram seis vias potenciais que relacionam o perdão e a saúde: diminuição da culpabilização, raiva e hostilidade crónica; redução da hiperexcitação crónica; pensamento otimista; autoeficácia para tomar ações relacionadas à saúde; apoio social; e, consciência transcendente.

Existem diversos processos psíquicos que parecem inibir ou ajudar no perdão. Aqui inclui-se: a empatia para com o transgressor - quando o transgressor se desculpa, implicitamente isso faz com que ele esteja a reconhecer um certo nível de vulnerabilidade, que pode causar empatia nos indivíduos, podendo ajudar no processo de perdão (McCullough, 2001); as atribuições generosas e avaliações acerca da transgressão e do transgressor - indivíduos com maior disposição a perdoar têm tendência a avaliar o transgressor como mais simpático (Bradfield & Aquino, 1999), assim como consideram as suas explicações acerca da transgressão mais honestas e adequadas (Shapiro, 1991); e, as ruminações acerca da transgressão - ruminações dizem respeito a pensamentos intrusivos e imagens acerca de eventos passados. Quanto mais os sujeitos refletirem acerca da transgressão, maiores serão os níveis de vingança e de evitamento (McCullough, Rachal, Sandage, Worthington, Brown, & Hight, 1998).

Sujeitos com maior tendência a perdoar tendem ainda a ter pontuações mais elevadas no que diz respeito à preocupação empática e a entender melhor a perspectiva da outra pessoa (Berry, Worthington, O'Connor, Parrott, & Wade, 2005). Um estudo de Karremans, Van Lange e Holland (2005) em que era solicitado aos sujeitos que se recordassem de transgressões dolorosas concluiu que sujeitos com maior disposição a perdoar os outros têm uma maior orientação pró-social (em detrimento de uma orientação autofocada) e utilizam com maior frequência pronomes plurais (e.g., "nós").

Vários investigadores defendem que a empatia não é um construto unidimensional, mas que pode ser dividida em dois subgrupos: empatia cognitiva - refere-se à capacidade de validar as experiências emocionais dos outros, sem que se vivencie realmente os seus estados emocionais; e, empatia emocional/afetiva - reflete uma reação emocional imediata e involuntária relativamente às experiências dos outros (Spencer, 1870; cit. in Giammarco & Vernon, 2014). Alguns autores defendem mesmo que o perdão está estreitamente ligado à empatia, na medida em que este ocorre devido a um conjunto de

mudanças motivacionais, que, por sua vez, são motivadas por empatia (McCullough, Worthington, & Rachal, 1997).

Outros autores fazem ainda a distinção do perdão assente em dois domínios - o positivo e o negativo. Na dimensão positiva do perdão inclui-se o amor, baseado nas emoções e ações pró-sociais (Fincham, 2009), que dependerá, tanto da presença de benevolência, como da motivação para que exista uma reconciliação; esta será baseada em reformulações acerca do próprio, dos outros e do mundo. Já a dimensão negativa do perdão implica uma superação da ausência do mesmo, reduzindo o ressentimento e os impulsos de retaliação ou de evitamento (Wade & Worthington, 2003). Neste sentido, manter uma distância física e psicológica considerável do transgressor pode simbolizar um abandono bem-sucedido da autoimagem negativa, que por sua vez, leva à diminuição do evitamento para com o transgressor (Fincham, Beach, & Davila, 2004).

Há ainda autores que dividem o perdão em três aspetos: na existência de um ressentimento duradouro - e, por conseguinte, uma maior dificuldade em escapar ao estado em que se considera imperdoável, através da vingança ou perdão, ou adotando outro caminho; na maior sensibilidade às circunstâncias - isto é, numa reatividade à pressão dos outros para perdoar ou não, ou às desculpas da pessoa que cometeu uma transgressão; e, na tendência geral para o perdão ou para a vingança (Neto & Mullet, 2004).

McCullough, Worthington e Rachal (1997) definem o perdão segundo várias dimensões: perdão face a uma ofensa específica - ajuda na compreensão do perdão de uma pessoa em específico e de uma transgressão isolada; perdão diádico - ajuda na compreensão do perdão de uma pessoa em específico e de um historial de transgressões; ou, perdão disposicional - ajuda na compreensão do perdão como um traço de personalidade persistente.

Independentemente de como o perdão seja definido, este tem mostrado ter efeito positivo na reestruturação da confiança, na reconciliação de relacionamentos, na melhoria do bem-estar físico e psicológico, e numa diminuição do afeto negativo (Worthington, 2005).

Motivação para o perdão interpessoal

Donovan e Priester (2017) defendem que a motivação para o perdão interpessoal está relacionada com dois aspetos: no facto de a influência de relações próximas no perdão ser mediada pelo desejo de manter relacionamentos - é este desejo que conduz à motivação para o raciocínio, que, por sua vez, pode levar ao perdão, através da influência da proximidade das relações, dos pensamentos interpessoais, dos sentimentos, e dos comportamentos subjacentes ao perdão; e, no facto de a influência do compromisso (onde se inclui relacionamentos próximos e o desejo de manter o relacionamento) ser motivada pelo raciocínio. Desta forma, a chave do perdão consiste na atribuição do sentido que os indivíduos dão à transgressão que sofreram, pelo que, segundo os mesmos autores, a influência da proximidade das relações no perdão é sequencialmente mediada, tanto pelo desejo de manter os relacionamentos, como por uma motivação para o raciocínio.

Existem ainda estudos que nos dão argumentos de que o perdão interpessoal tem também aspetos negativos (Enright and the Human Development Study Group, 1991). Um deles diz respeito ao facto de que o perdão pode deixar a pessoa que foi ofendida sujeita a outros abusos. Esta ideia é falaciosa, na medida em que se confunde reconciliação e perdão. O perdão é a postura de uma pessoa relativamente a outra, já a reconciliação implica uma aproximação comportamental. A reconciliação genuína requer que ambos (transgressor e ofendido) se respeitem mutuamente, de modo que, no caso de abusos contínuos por parte do transgressor, o ofendido pode entender que o outro não o respeita, e nestas circunstâncias não ter intenção de se reconciliar; o ofendido pode ainda reduzir respostas negativas e aumentar as respostas positivas, com o intuito de que isso provoque mudanças. Na verdade, o perdão pode servir como uma forma de proteção contra o ódio e o ressentimento, que aumentam a ansiedade e a depressão sentidas pela pessoa que sofreu a transgressão (Hope, 1987). Fincham (2000) faz também a distinção entre perdão e reconciliação, na medida em que a reconciliação implica a restauração da confiança violada e boa vontade de ambas as partes. Desta forma, a reconciliação implica o perdão, mas o perdão não implica necessariamente a reconciliação.

Alguns estudos apontam que, as respostas dos parceiros (e.g., tentarem emendar a transgressão) podem também levar ao perdão, mesmo quando não exista um pedido de desculpa explícito (Hannon, Rusbult, Finkel, & Kumashiro, 2010). De um ponto de vista da motivação para o perdão interpessoal, Lemay e Clark (2015) defendem que a forma como a resposta do transgressor é percebida diz respeito a uma motivação para o raciocínio, pelo que as perceções das desculpas, as tentativas de emendar o sucedido e outros comportamentos após a transgressão, podem ser alterados por uma motivação para o raciocínio.

A capacidade de confiar em parceiros num relacionamento durante períodos de stress é uma capacidade fundamental para o bem-estar emocional (Reis, 2001); como os parceiros fazem a gestão dos conflitos interpessoais, isso tem um impacto importante na força e manutenção das relações sociais. O perdão oferece então um meio efetivo de manter relacionamentos ameaçados, refletindo a flexibilidade cognitiva (Flanigan, 1998) e a empatia (McCullough, 2000).

Perdão, dimensões de personalidade e sintomas psicopatológicos

McCullough (2001) afirma que o perdão tem sido correlacionado com diversas variáveis, como traços de personalidade, sintomas psicológicos, emoções morais, esperança, autoestima, entre outras. Existem evidências de que diversas variáveis de personalidade estão ligadas ao perdão num contexto específico e ao perdão no geral. Os vários estudos demonstram: que o perdão tem uma correlação positiva com todas as medidas de personalidade relacionadas com o fator de Agradabilidade do Modelo dos *Big Five* (McCullough, Emmons, & Tsang, 2002); e, que o perdão tem correlação negativa com todas as

medidas de personalidade relacionadas com o fator de Neuroticismo do Modelo dos *Big Five* (Berry & Worthington, 2001).

Estudos que relacionam a personalidade e o perdão investigaram possíveis relações entre o perdão e o estilo de personalidade paranoica, considerando que as tendências paranoicas podem ser uma combinação de fortes componentes do neuroticismo e da não-agradabilidade (Sastre, Vinsonneau, Chabrol, & Mullet, 2005). Outros estudos onde se examinou a relação entre o Modelo dos cinco fatores de personalidade (*Big Five*) e as perturbações de personalidade, e utilizando ambas as medidas dos cinco fatores de personalidade, demonstrou que a perturbação paranoide foi positivamente correlacionada com o neuroticismo (Brieger, Sommer, Blöink, & Marneros, 2000) e negativamente correlacionada com a agradabilidade (Lynam & Widiger, 2001).

De acordo com Chiaramello, Sastre e Mullet (2008) existe uma forte associação positiva entre as tendências paranoicas e a relutância em procurar o perdão, que pode ser explicada, na medida em que pessoas com tendências paranoicas podem sentir menos remorsos do que outros indivíduos e, devem esperar reações de desconfiança por parte da pessoa ofendida. A tendência autopunitiva está positivamente correlacionada à incapacidade de procurar o perdão, uma vez que os indivíduos com dificuldade em procurar o perdão podem, de facto, demonstrar tendências autopunitivas, de modo a minimizar a dor que causaram aos outros.

A perturbação de personalidade paranoide é uma das perturbações de personalidade mais prevalentes. A tendência paranóica pode ser considerada como uma combinação de componentes fortes do neuroticismo e da não-agradabilidade. Vários estudos que examinam a relação entre o Modelo dos *Big Five* e as perturbações mentais demonstraram que a perturbação paranoide está positivamente ligada ao neuroticismo (Brieger, Sommer, Blöink, & Marneros, 2000), e negativamente correlacionada com a agradabilidade (Shopshire & Craik, 1994).

Sastre, Vinsonneau, Chabrol e Mullet (2005) indicam que existe uma correlação positiva entre o ressentimento duradouro, disposição geral para procurar vingança e tendências paranoicas, e, uma correlação negativa entre a disposição geral para perdoar e estilo de personalidade paranoica. Os autores defendem que a relação entre personalidade paranoica, a tendência a não perdoar e o desejo de vingança não se limita a personalidades extremamente paranoicas, mas também à população em geral, pois a ausência de perdão e o estilo de personalidade paranoica são reflexos de baixa agradabilidade e/ou elevado neuroticismo. Alguns autores realçam ainda a existência de uma suposição entre os indivíduos com tendências paranoicas, de que os outros são maus, falsos e esperam que os outros estejam prontos para atacar quando tiverem oportunidade; as suas crenças secundárias são assim de que ao demonstrar qualquer fraqueza, isso pode encorajar o ataque do outro, e que qualquer deslize ou lesão são maliciosas e intencionais e merecem retaliação e não perdoar, o qual é um perigoso sinal de fraqueza (Beck, Freeman, Pretzer, Davis, Fleming, Beck, Simon, Padesky, Meyer, & Trexler, 1990).

A agradabilidade é uma dimensão da personalidade que aparece relacionada com o perdão. Investigações sugerem que, pessoas consideradas como mais agradáveis têm tendência a progredir no seu mundo interpessoal e a terem menos conflitos nos relacionamentos, do que pessoas consideradas menos agradáveis; alguns investigadores concluíram que, quanto mais os indivíduos estiverem dispostos a perdoar, menor será a pontuação na variável vingança (Ashton, Paunonen, Helmes, & Jackson, 1998). A estabilidade emocional também aparece associada ao perdão, na medida em que, quanto maior for a estabilidade emocional, maior será a disposição para perdoar o transgressor (McCullough, 2001).

A orientação temporal diz respeito à perspetiva de tempo preferido dos sujeitos: passado, presente ou futuro. Os participantes orientados para o futuro têm maior tendência a procurar o perdão, pois têm maior preocupação com relacionamentos futuros com a pessoa ofendida; já os participantes orientados para o passado sentem-se menos capazes de procurar o perdão, pois tendem a acreditar que "o que está feito, feito está" (Chiamello, Sastre & Mullet, 2008).

Segundo o Modelo dos *Big Five* da personalidade o desejo de vingança está relacionado a dois dos cinco principais fatores da personalidade: Neuroticismo - indivíduos com níveis elevados de neurose experienciam mais frequentemente afeto negativo, instabilidade afetiva e maior sensibilidade a eventos negativos; e, Agradabilidade - reflete uma orientação pró-social relativamente aos outros (e.g., altruísmo, bondade, confiança). Indivíduos com níveis mais baixos de agradabilidade têm conflitos maiores com os pares e dificuldade na proximidade e compromissos relacionais (Asendorpf & Wilpers, 1998).

Embora o perdão tenha subjacente várias características positivas, alguns indivíduos têm mais dificuldade em alcançar o perdão do que outros, como é o caso de pessoas com maiores níveis de neuroticismo e ansiedade (McCullough, Bellah, Kilpatrick, & Johnson, 2001). Além disso também apresentam mais expressões de ruminações de raiva (Berry et al., 2005) e são mais propensos a demonstrar emoções como a raiva e a hostilidade, que provocam danos nos relacionamentos (Thompson, Snyder, Hoffman, Michael, Rasmussen, Billings, Heinze, Jason, Hal, Jessica, & Danae, 2005). O perdão e a hostilidade geralmente têm uma relação negativa, de modo que, quando as pessoas cultivam respostas genuínas para com os transgressores, a hostilidade tende a reduzir, e quando as pessoas guardam sentimentos de vingança e alimentam a hostilidade, o perdão é dificultado - embora seja possível que uma pessoa com maior tendência a perdoar seja hostil para um transgressor em particular, ou uma pessoa geralmente hostil perdoar em uma circunstância particular (Witvliet, 2001).

Ainda que alguns atos de vingança possam ser espontâneos e impulsivos, McCullough et al. (2001) afirmam que o desejo de procurar vingança resulta muitas vezes do pensamento ruminativo acerca da ofensa. Assim, a ruminação sobre a ofensa pode ser vista como fruto de tentativas de sujeitos vingativos para manter os objetivos de vingança em mente.

Uma possível explicação para a ligação entre a vingança e o perdão interpessoal pode consistir no facto de que esta se relaciona menos com a falta de controlo sobre os pensamentos ruminativos do que com a ação moral baseada em princípios; isto é, as motivações das pessoas vingativas para que os danos afetem o transgressor podem não se dever a uma incapacidade de reprimir eficazmente os pensamentos ruminativos, mas sim a uma crença permanente de que procurar a vingança e nutrir má vontade é uma resposta moralmente correta quando alguém se sente ofendido (McCullough et al., 2001).

O perdão aparece também relacionado com o narcisismo, na medida em que parece ter um efeito inibitório no processo do mesmo (Emmons, 2000). O narcisismo é caracterizado pela existência de sentimentos de direito, autoaperfeiçoamento, comportamento interpessoal explorativo e ausência de empatia para com os outros (Fatfouta, Gerlach, Schröder-Abé, & Merkl, 2015). Como referido anteriormente, a existência de raiva, ruminações intrusivas e baixa empatia levam a menores níveis de perdão (Fehr, Gelfand, & Nag, 2010), pelo que indivíduos narcisistas tendem a reportar maiores níveis de raiva face a transgressões (e.g., transgressões interpessoais). Ainda assim, alguns autores destacam a importância de se distinguir duas dimensões narcisistas, quando se consideram reações às ofensas interpessoais: uma que inclui respostas que promovem o perdão - admiração - e, outra que inclui respostas adversas - rivalidade.

Existem também evidências de uma relação do perdão e conscienciosidade. Finkel e Campbell (2001) defendem que a capacidade de auto-controlo - uma das facetas da conscienciosidade - ajuda no processo de mudança na motivação. Indivíduos com maior capacidade de autocontrolo têm maior tendência a envolver-se em comportamentos pró-sociais após uma transgressão, através da regulação das emoções e da supressão do desejo inicial de vingança, ao mesmo tempo que diminui a tendência para transformar a raiva em agressão. Tudo isto faz com que os sujeitos altamente conscienciosos tenham maior capacidade para perdoar (Balliet, 2010).

Aspetos facilitadores do perdão

A dimensão positiva do perdão é a base motivacional para um comportamento de aproximação (Fincham, 2000). Alguns autores defendem que, quando alguém comete uma transgressão, essa pessoa, de modo a obter o perdão, tende a envolver-se numa série de gestos conciliadores. Estes podem ser verbais e/ou não verbais, e voluntários e/ou involuntários (McCullough, Kurzban, & Tabak, 2013); podem ainda referir-se a agradecimentos explícitos acerca da superação da transgressão (Eaton, Struthers, Santelli, 2006), a esforços para restituir ou minimizar os danos causados sobre a pessoa que se prejudicou, a expressões de simpatia, declarações explícitas sobre o facto de não querer voltar a prejudicar a pessoa futuramente (Zechmeister, Garcia, Romero, & Vas, 2004) ou até mesmo, a uma troca de presentes ou favores (Boehm, 1987; cit. in McCullough et al., 2014).

Após uma transgressão, é comum que a parte lesada se proteja de futuras ocorrências que possam acontecer. Nesta linha, o perdão não tem como objetivo restaurar

uma relação para o seu estado antes da transgressão, uma vez que isso seria como recriar as condições exatas que levaram à transgressão e, por isso, facilitar a sua recorrência (Fincham, 2000).

Autores como Tabak, McCullough, Luna, Bono e Berry (2012) afirmam que os gestos conciliadores facilitam o perdão, na medida em que podem fazer com que o indivíduo que cometeu uma transgressão passe a ser considerado como uma pessoa mais agradável. Isto implica um elevado valor da relação (e.g., generosidade) e a percepção de um baixo risco de existir exploração (e.g., egoísmo) (John, Donahue, & Kentle, 1991).

Segundo Utikal (2013) na sequência de uma transgressão, a existência de um pedido de desculpas tem um efeito positivo na conceção do mesmo. A mesma investigadora definiu as desculpas como a combinação de remorso e a admissão de culpabilidade (e.g., “lamento muito.. realmente pensei que X”), e distinguiu entre ofensas intencionais e não intencionais, e desculpas honestas e falsas, através de um jogo, de forma a compreender se a aversão à mentira pode explicar este comportamento. Para isso, comparou pedidos de desculpas sinceros e falsos, tendo concluído que: para alguns indivíduos, até mesmo um pedido de desculpas sincero pode implicar algum tipo de custo; os custos dos pedidos de desculpa falsos são maiores; é mais provável existir perdão depois de um pedido de desculpas sincero, do que de um pedido de desculpas falso; é mais provável existir perdão depois de um pedido de desculpas, do que na ausência de uma mensagem; e, ainda que a presença de culpa e de remorso aumente o perdão, um pedido de desculpas é mais eficaz na obtenção do mesmo.

Numa outra investigação Fischbacher e Utikal (2010) afirmam que um pedido de desculpas pode funcionar, pois alguns sujeitos têm aversão à mentira. Partindo do pressuposto que os indivíduos têm preferência por dizer a verdade, os mesmos irão abster-se de se desculpar após uma ofensa intencional, de modo que, as desculpas são um sinal de se ter cometido uma ofensa involuntária. Assim, um pedido de desculpas após uma falha intencional pode ser encarado como uma mentira, e ter um custo; então, quando o custo excede o ganho esperado obtido pelo perdão, as mesmas irão abster-se de desculpar. Já uma das razões pelas quais as desculpas honestas também terem um custo pode consistir no facto de alguns sujeitos apenas não gostarem de admitir que estavam errados.

Os mesmos autores afirmam que existem três tipos de mensagens capazes de aumentar o perdão: um pedido de desculpas simples; uma mensagem que contenha evidência de remorso, sem admissão de culpa; ou uma mensagem que contém uma admissão de culpa, sem evidência de remorso. A probabilidade de existir perdão é maior na presença de um pedido de desculpas, e é menos provável existir um pedido de desculpas após uma transgressão intencional (Fischbacher & Utikal, 2013).

Para Jeter e Brannon (2018) receber um pedido de desculpas é crucial para a gestão de conflitos assim como para aumentar a probabilidade de ocorrência do perdão, ainda que nem todas as desculpas sejam eficazes para aliviar os conflitos interpessoais. Os mesmos autores criaram uma transgressão de forma experimental (sem conhecimento dos

participantes) e analisaram o conteúdo de sete mensagens distintas de pedidos de desculpa, bem como o impacto que os mesmos tiveram sobre o autorrelato e no perdão comportamental, numa amostra de jovens adultos, concluindo que: receber um pedido de desculpas que expressava um desejo de recompensar a transgressão foi o pedido mais eficaz, tanto no autorrelato (medido através da expressão de emoções negativas após a transgressão e na compreensão/não compreensão do motivo da mesma) como no perdão comportamental; e, o pedido de desculpas baseado na ação por necessidade (e.g., “precisava mesmo do cartão presente”) foi o mais eficaz no alívio das emoções negativas para com o transgressor (e não necessariamente na ocorrência de perdão), pois pode funcionar como uma justificação para a transgressão.

A intenção por detrás da transgressão também pode afetar a eficácia de um pedido de desculpas, isto é, nem todos os indivíduos que cometeram intencionalmente uma transgressão (ainda que por uma razão legítima, como o caso do pedido de desculpas baseado na ação por necessidade) foram perdoados, mesmo depois de darem justificações sobre a transgressão; já quando o transgressor justificou a transgressão como involuntária e pedia desculpas pelo erro, o lesado tinha maior probabilidade de perdoar (Jeter & Brannon, 2018).

Oferecer um pedido de desculpas pode ajudar a pessoa lesada no processo de reatribuição da responsabilidade pela transgressão, e ajudar na criação de soluções necessárias para resolver o problema (Gold & Davis, 2005). Quando este é percebido pelo lesado como um pedido sincero, pode ainda restaurar uma imagem positiva do transgressor (Zechmeister, Garcia, Romero & Vas, 2004).

Alguns autores investigaram a relação entre receber um pedido de desculpas e a ocorrência do perdão, após uma transgressão dolorosa, na vertente dos relacionamentos amorosos, concluindo que: receber um pedido de desculpas teve impacto na forma como o lesado interagiu e geriu o conflito mais tarde, isto é, proporcionou formas de comunicação mais sinceras entre o casal, dando espaço para que tivessem capacidade de discutir o sucedido, de modo a criar estratégias para resolver o conflito (Bachman e Guerrero, 2006).

De acordo com Scher e Darley (1997) um pedido de desculpas que expresse o desejo de compensação pelo sucedido (e.g., “diz-me se existir alguma coisa que eu possa fazer para te compensar”) é mais eficaz do que um pedido de desculpas que demonstre preocupação (e.g., “tens todo o direito de estar magado/a”).

Segundo Rique, Camino, Enright e Queiroz (2007) o tipo de injustiça sofrida determina a extensão das consequências, pelo que, a perceção da ofensa sofrida varia de indivíduo para indivíduo: alguns sentem-se bastante ofendidos com situações consideradas para os outros como menos relevantes, enquanto outros sentem uma resistência maior às injustiças que afetam o seu bem-estar.

Existe uma correlação positiva entre o perdão-traço e uma maior predisposição para pedir desculpa. Ohtsubo, Yamaura e Yagi (2015) concluíram que não se trata apenas de uma tendência geral para valorizar relacionamentos harmoniosos, mas sim de uma disposição mais específica para resolver de forma pacífica os conflitos interpessoais.

O perdão tem ainda surgido correlacionado com a comunicação e a resolução de conflitos. Fincham e Beach (2002) realizaram um estudo em que concluíram que o perdão está positivamente correlacionado com a comunicação construtiva em relacionamentos, e negativamente correlacionado com a agressão psicológica.

Muitas vezes, realizar acordos acerca da forma dos sujeitos se comportarem parece induzir o comportamento cooperativo em dilemas sociais, pois pode servir como facilitador do perdão. Estes fornecem uma alternativa para diferentes formas de punição de comportamentos indesejados, ou de recompensas para estimular determinado comportamento (Fehr & Gächter, 2002). Segundo Martinez-Vaquero, Han, Pereira e Lenaerts (2015) os compromissos são evolutivamente viáveis quando o custo é suficientemente pequeno em comparação ao benefício da cooperação.

Como as transgressões podem levar a mal-entendidos, e até mesmo à quebra dos compromissos, os indivíduos adquirem estratégias de modo a garantir que os erros não sejam repetidos ou para que os relacionamentos possam continuar. Aqui entra a vingança e o perdão, como formas de lidar com tais situações; a vingança traduz-se na retenção de um benefício para desencorajar um dano interpessoal; já o perdão oferece um mecanismo restaurador que garante que as relações benéficas possam continuar, apesar da existência do dano inicial (Shaver & Mikulincer, 2011).

Realizar terapia também pode ajudar no processo de perdão, assim como melhorar os indicadores de saúde mental. Freedman e Enright (1996) realizaram uma intervenção baseada no perdão com doze mulheres sobreviventes a casos de incesto por algum parente do gênero masculino. A terapia era interrompida quando ocorresse o perdão. Os investigadores formaram ainda um grupo de controle de mulheres que estavam em lista de espera para a terapia, e concluíram que: o grupo em tratamento apresentou um aumento nas medidas de esperança e de perdão; o grupo em tratamento teve redução dos níveis de ansiedade e de depressão; e que, quando as mulheres que estavam em lista de espera realizaram a terapia tiveram uma melhoria nos níveis de saúde mental e autoestima, comparativamente aos seus próprios resultados de pré-tratamento.

Na mesma linha de intervenção Coyle e Enright (1997) levaram a cabo uma terapia baseada no perdão com um grupo de dez homens que relatavam mágoa devido à decisão das suas parceiras de realizar um aborto. Os indivíduos que receberam terapia tiveram um aumento significativo nos níveis de perdão, e melhorias no processo de luto e da gestão da raiva e ansiedade após a mesma.

Deve distinguir-se a relação do perdão com o sofrimento e o luto. Ainda que em certas situações o perdão possa levar ao luto (desistir de um objeto antigo), e o luto possa levar ao perdão, estes processos não são iguais. O perdão deve ocorrer na linha da psicodinâmica da agressão, e não da tristeza, e não há necessariamente a perda de um objeto; existe sim a substituição de um objeto ressentido por um objeto aceite, e na existência de raiva, pode provocar mudanças para tristeza profunda, mas não para o luto. A semelhança entre eles pode residir no desapego da libido pelo objeto (Hunter, 1978).

Mauger, Perry, Freedman, Grove, McBride e McKinney (1992) desenvolveram e validaram a Escala de Perdão dos Outros e a de Perdão do Próprio, medindo construções disposicionais distintas, em vez das respostas das pessoas a situações isoladas de perdão, tendo concluído que: a Escala de Perdão do Próprio estava mais fortemente relacionada com a depressão, ansiedade e baixa autoestima do que a Escala de Perdão dos Outros.

Um outro estudo onde se incluiu o perdão, a vingança, o evitamento e a ruminação, em estudantes que relataram ter sido feridos por outra pessoa nos dois meses anteriores, demonstrou que, mesmo em processo de terapia, os jovens que apresentavam maior vingança no início do estudo, continuavam a ter motivações de vingança mais elevadas contra os transgressores oito semanas depois, comparativamente aos outros elementos do grupo (McCullough et al., 2001).

Perdão, religiosidade e cultura

Segundo alguns autores, os indivíduos podem decidir perdoar uma vez que, para eles, o perdão representa um ato que vai ao encontro do seu código moral.; este código moral é frequentemente motivado pela religiosidade (Exline, 2002). Piemonte (1999) defende que o perdão se correlaciona positivamente com um conjunto de medidas de religiosidade.

North (1987) afirma que ao perdoar, o sujeito supera o ressentimento em relação ao transgressor, mas não nega a si próprio o direito moral a ressentimento. Assim, tenta ter uma nova postura de benevolência, compaixão, ou até mesmo de amor para com o transgressor, ainda que considere que este possa não ter direito moral a tal resposta.

Ainda que uma transgressão mais profunda dificulte o perdão, é a percepção de injustiça que faz com que a transgressão permaneça imperdoável (Fincham, 2000). Para que o perdão ocorra, muitas vezes é necessário que o indivíduo tenha a percepção de que existe arrependimento da parte de quem cometeu a transgressão. De acordo com McCullough e Worthington (1999) o arrependimento diz respeito a um conjunto de ações e/ou intenções que envolvem: arrependimento intelectual; arrependimento das consequências morais e interpessoais da ação; e, desejo de não voltar a repetir as ações futuramente (Dorff, 1997). Assim, dependendo da religião do indivíduo, perdoar pode estar relacionado tanto com uma prerrogativa moral ou um dever religioso (Enright, Gassin, & Wu, 1992).

Segundo McCullough e Worthington (1999) alguns indivíduos religiosos parecem estar convencidos do dever de perdoar, ainda que ao nível de ofensas individuais, o envolvimento religioso pareça ter um pequeno papel na decisão de se perdoar ou não perdoar. Isto pode ocorrer devido a: desejabilidade social - pode levar os indivíduos religiosos a parecerem perdoadores ou a desejarem sê-lo (ainda que a religião possa não oferecer recursos exclusivos para que isso ocorra) dificuldades na medição da dimensão religiosa - no sentido em dificulta perceber quais as variáveis religiosas e quais as variáveis do perdão, e pode até mesmo impedir que estas se correlacionem sob algumas condições; ocorrência de uma transgressão isolada - pode controlar várias condições sócio-psicológicas, que não ocorreria numa situação comum; e, métodos utilizados para medir o perdão em situações de

transgressões isoladas - podem levar ao enviesamento de lembranças ou na codificação, dificultando a ligação entre o envolvimento religioso e o perdão.

Para outros investigadores, a capacidade de perdoar requer um entendimento crítico do contexto social, das emoções, dos julgamentos e dos comportamentos relacionados com as ofensas e mágoas, dificultando por vezes, a ocorrência do perdão. Deste modo, a cultura poderá também influenciar as atitudes interpessoais e valores de cada sujeito, através das ideologias dominantes presentes em cada uma (Rique et al., 2007).

Perdão, idade, género, contexto e tipo de relação

Um estudo realizado por Neto e Mullet (2004) investigou a relação entre perdão e género, concluindo que a força das relações variou significativamente de acordo com o género, sendo que a vontade geral de perdoar foi menor nas mulheres do que nos homens.

Relativamente ao perdão ao longo do ciclo vital, Toussaint, Williams, Musick e Everson (2001) concluíram que, na área da personalidade moral, o perdão e o bem-estar psicológico diferem ao longo da vida: perdoar está mais fortemente correlacionado com a satisfação com a vida na faixa dos adultos mais velhos, em comparação com os adultos mais novos; além disso, o sofrimento psicológico está mais negativamente presente nos adultos mais velhos do que nos jovens adultos.

Segundo Al-Mabuk (1990) a fase final da adolescência diz respeito a um período particularmente importante para o estudo do perdão, devido a questões de individuação, pelo que o passado se pode tornar doloroso, e o perdão pode oferecer uma solução para superar tais mágoas. Um estudo levado a cabo por Subkoviak, Enright, Wu, Gassin, Freedman, Olson e Sarinopoulos (1995) mostrou uma relação negativa entre o perdão e a ansiedade em adolescentes que se torna substancialmente mais forte, na presença de uma dor profunda; mostrou também que os estudantes universitários com dores profundas relativamente a uma amizade do género oposto que não perdoam apresentam valores mais elevados de ansiedade-estado.

Ghaemmaghami, Allemand e Martin (2011; cit. in Kaleta & Mróz, 2017) relataram uma correlação negativa entre a idade e o domínio negativo do perdão (e.g., vingança e evitamento), mas não com o domínio positivo do mesmo (e.g., benevolência).

Alguns estudos demonstram que a estratégia de evitamento parece ser maior nos indivíduos de meia-idade, quando comparados às outras faixas etárias; a vingança tem uma maior taxa na faixa dos jovens adultos, sobretudo nos mais jovens; já a benevolência aumenta com a idade, não sendo específico em que faixa em concreto ocorre um maior aumento (Kaleta & Mróz, 2017).

Hill e Allemand (2011) fizeram um estudo com uma amostra de adultos onde utilizaram medidas de dois traços morais (gratidão e perdão), o *Big Five Inventory* e cinco medidas de bem-estar (efeito positivo, efeito negativo, otimismo, pessimismo e satisfação com a vida), tendo concluído que: a gratidão e o perdão são os que mais se correlacionam com o maior bem-estar, quando comparados aos outros cinco indicadores; sujeitos mais

gratos e com maior tendência a perdoar tendem a relatar maior influência positiva, otimismo e satisfação com a vida, e menores níveis de afeto negativo e pessimismo.

Girard e Mullet (1997) realizaram uma investigação em que verificaram um aumento na tendência a perdoar da adolescência à velhice. O resultado médio dos idosos foi substancialmente superior ao dos adolescentes. A existência de um pedido de desculpas também demonstrou ter impacto; ainda assim, as desculpas foram mais importantes para adolescentes e adultos, do que para as pessoas mais velhas. Os sujeitos dos 74 aos 96 anos, no geral, tinham maior tendência a perdoar na ausência de pedidos de desculpa do que os jovens dos 15 aos 17 anos na presença de pedidos de desculpas. O desejo de vingança tem um efeito dominante na juventude; a atitude dos outros e a religião têm um efeito dominante nos adolescentes; e, o desejo de restauração da harmonia social tem um efeito dominante nos adultos.

Ainda que alguns autores defendam que o perdão tem tendência a aumentar com a idade, é importante referir que existem alterações nos vários aspetos do mesmo. Charzyńska e Heszen (2013) encontraram uma correlação positiva entre a idade e a capacidade de perdoar os outros, mas o mesmo não se aplicou com o perdão pessoal (de si mesmos).

Uma possível explicação para a diferença do perdão em termos de idade pode estar relacionada com a Teoria da Perspetiva de Tempo Futuro (FTP), definida como a perspetiva da duração do horizonte de tempo pessoal (Carstensen, Isaacowitz, & Charles, 1999).

A Teoria da Seletividade socioemocional diz-nos que a perceção do tempo futuro tem implicações importantes para a nossa vida social e emocional (Carstensen, 1992). A mesma prediz mudanças na motivação social ao longo do ciclo vital, por exemplo, o porquê de adultos mais velhos procurarem objetivos emocionais e sociais diferentes dos adultos mais jovens. Segundo a Teoria, a FTP é a força dominante que estrutura a motivação humana e os objetivos (Lang & Carstensen, 2002). A mesma alega que os indivíduos têm uma consciência e subconsciência do tempo que resta da sua vida, e são os limites percebidos do tempo que direcionam a atenção para os aspetos mais emocionalmente significativos da vida. Carstensen, Isaacowitz e Charles (1999) argumentam que a perceção do tempo como limitado tem implicações importantes para a emoção, a cognição e a motivação; assim, quando o tempo futuro é percebido como mais limitado, a experiência emocional assume prioridade: os sujeitos são motivados a selecionar e monitorizar os ambientes para otimizar o funcionamento emocional; por contraste, quando o futuro é entendido como em aberto, os objetivos que visam otimizar o futuro são priorizados (Allemand, 2008).

Segundo a teoria de seletividade socioemocional, também os jovens que se aproximam do fim da vida apresentam mudanças motivacionais similares, como os idosos (Carstensen & Fredrickson, 1998). No entanto, como a idade cronológica está inevitavelmente relacionada ao tempo de vida, a teoria da seletividade socioemocional postula que a regulação dos estados emocionais recebe maior prioridade à medida que as pessoas

envelhecem (Carstensen et al., 2000). Portanto, à medida que os indivíduos envelhecem, os parceiros sociais são escolhidos pelo seu valor emocional, e as interações sociais são reguladas de modo a otimizar os resultados emocionais. Ainda que muitos estudos tenham dado suporte para hipóteses da teoria da seletividade socioemocional (e.g., Carstensen, Fung, & Charles, 2003), não se encontram pesquisas que generalizem esta teoria a respeito do perdão.

Com base nos argumentos da teoria da seletividade socioemocional, Allemand (2008) afirma que se pode esperar que o perdão aumente com a idade, pois as transgressões interpessoais provocam emoções, cognições, motivações negativas e comportamentos que precisam ser enfrentados pois podem pôr em risco as relações interpessoais a curto e longo prazo, assim como podem ter efeitos negativos sobre o bem-estar e a saúde da pessoa que sofreu a transgressão (Worthington & Scherer, 2004). Uma das formas de lidar com o estado de mágoa emocional é então perdoar o transgressor, dado que o perdão pode ajudar a aliviar as emoções negativas que, de acordo com a teoria de seletividade socioemocional, sob uma perspectiva limitada de tempo futuro, pode assumir a primazia (Worthington & Wade, 1999). Perdoar as transgressões interpessoais implica regular as emoções negativas, assim como cognições e comportamentos não-construtivos. Deste modo, como resultado de perdoar, manter ou reparar relacionamentos emocionalmente próximos torna-se mais fácil, estabilizando assim o relacionamento (McCullough, Rachal, Sandage, Worthington, Brown, & Hight, 1998).

Rique e colegas (2007) realizaram uma investigação de modo a tentar compreender o grau de perdão, mediante o tipo de contexto em que ocorre a ofensa - contexto familiar, contexto de amizade e contexto profissional. Para isto utilizaram uma amostra da população brasileira (n=390) e outra da população americana (n=188); os resultados demonstraram que o perdão varia de acordo com o tipo de contexto, pelo que familiares e amigos receberam um maior grau de perdão do que os colegas de trabalho. Os contextos de injustiça mais reportados pelos participantes foram: ofensas no contexto de amizade (45% no Brasil; 50% nos EUA), sendo que, aqui, os agentes de ofensa foram amigos do mesmo género ou do género oposto (alguns foram descritos como namorados/as, mas não como companheiros/as); ofensas no contexto familiar (44% no Brasil; 37% nos EUA), em que os agentes de ofensa referidos foram pais, filhos/as, irmãos/irmãs ou parentes mais distantes; e, ofensas no contexto profissional (11% no Brasil; 13% nos EUA), sendo que os agentes de ofensa foram empregadores, colegas de trabalho, supervisores e membros de grupos de trabalho. As principais categorias de ofensas reportadas foram a falta de cuidado, comportamento agressivo e acusações falsas (excepto no contexto de amizade, em que, nos EUA, a categoria com maior percentagem foi a rejeição). De acordo com os mesmos autores, uma possível explicação para que estes dados ocorram no contexto profissional pode prender-se ao facto de os indivíduos utilizarem um raciocínio para o balanço das perdas e benefícios que envolve fatores que, possivelmente, não ocorrem entre familiares e amigos (Rique et al, 2007).

Perdão e Teoria da Vinculação

Diversos estudos relacionam a Teoria da Vinculação com a conceção do perdão. Alguns autores defendem que o sistema de vinculação varia de acordo com duas dimensões distintas de ansiedade e evitamento, sendo que, conflitos relacionais (e.g., infrações interpessoais) ativam o sistema de evitamento (Burnette, Taylor, Worthington, & Forsyth, 2007).

Quando surge alguma ameaça à relação, a dimensão do evitamento poderá influenciar as estratégias que os sujeitos utilizam para regular as necessidades vinculativas, onde a dimensão da ansiedade poderá funcionar como preditora dos processos afetivos (Fraley & Shaver, 2000). Deste modo, os dois componentes do sistema de vinculação manifestam-se de diferentes formas nas interações sociais: indivíduos com altos níveis de evitamento esperam que os outros ajam com eles de forma despreocupada e que os rejeitem, e muitas vezes respondem ao conflito através da culpa, distanciamento, e retirada (Pietromonaco, Greenwood & Barrett, 2004); indivíduos com baixos níveis de evitamento antecipam que os outros irão ser responsivos às suas necessidades, e, por isso, têm maior tendência a responder através da comunicação, compaixão e suporte; já os sujeitos altamente ansiosos tendem a exagerar nas potenciais consequências negativas do conflito, respondendo com raiva, mágoa e ruminação excessiva, contrariamente às respostas emocionalmente mais reguladas, características de indivíduos com baixos níveis de ansiedade e vinculação (Simpson, Rholes & Philips, 1996).

Burnette e colaboradores (2007) realizaram um estudo em que concluíram que existe uma ligação entre a vinculação insegura e baixos níveis de perdão, mediada por ruminações excessivas em indivíduos com alta vinculação ansiosa, e mediada por uma incapacidade de empatia em indivíduos com altos níveis de evitamento. Estes resultados vão ao encontro dos estudos de McCullough (2001) que defende que é mais provável que o perdão ocorra se o indivíduo que sofreu a transgressão valorizar o relacionamento, se acreditar que o transgressor é digno de preocupação da sua parte, e se este se sentir seguro na relação.

De acordo com Barber, Maltby e Macaskill (2005) quando acontecem eventos ameaçadores, como o caso de transgressões, os sujeitos que mostram padrões de vinculação insegura, tendem a apresentar um maior número de ruminações de raiva que, por sua vez, dificultarão o perdão. Assim, sujeitos menos dispostos a perdoar, ou com padrões de vinculação inseguros, podem reagir de forma negativa (tanto emocional como comportamental), pondo em causa eventos relacionais.

Referências Bibliográficas

- Ahadi, B. & Basharpour, S. (2010). Relationship between sensory processing sensitivity, personality dimensions and mental health. *Journal Of Applied Sciences*, 10(7), 570-574.
- Allemand, M. (2008). Age differences in forgivingness: the role of future time perspective. *Journal Of Research In Personality*, 42(5), 1137-1147.
- Al-Mabuk, R. H. (1990). The commitment to forgive in parentally love-deprived college students. Unpublished doctoral dissertation, University of Wisconsin, Madison.
- Aron, E. (1996). *The highly sensitive person: how to thrive when the world overwhelms you*. Broadway Books: New York.
- Aron, E. N. & Aron, A. (1997). Sensory-processing sensitivity and its relation to introversion and emotionality. *Journal Of Personality And Social Psychology*, 73, 345-368.
- Aron, E. N. (2004). Revisiting Jung's concept of innate sensitiveness. *Journal Of Analytical Psychology*, 49, 337-367.
- Aron, E. N., Aron, A. & Davies, K. M. (2005). Adult shyness: the interaction of temperamental sensitivity and adverse childhood environment. *Personality And Social Psychology Bulletin*. 31(2),181-197.
- Aron, E., Aron, A., & Jagiellowicz, J. (2012). Sensory processing sensitivity: a review in the light of the evolution of biological responsivity. *Personality and Social Psychology Review*, 20(10), 1-21.
- Asendorpf, J. B. & Wilpers, S. (1998). Personality effects on social relationships. *Journal Of Personality And Social Psychology*, 74, 1531-1544.
- Ashton, M. C., Paunonen, S. V., Helmes, E., & Jackson, D. N. (1998). Kin altruism, reciprocal altruism, and the big five personality factors. *Evolution and Human Behavior*, 19, 243-255.

O Efeito Mediador da Sintomatologia Psicopatológica no Perdão-Traço e na Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial

- Bachman, G. F. & Guerrero, L. K. (2006). Relational quality and communicative responses following hurtful events in dating relationships: an expectancy violations analysis. *Journal Of Social And Personal Relationships*, 23, 943-963.
- Bakker, K. & Moulding, R. (2012). Sensory-processing sensitivity, dispositional mindfulness and negative psychological symptoms. *Personality And Individual Differences*, 53(3), 341-346.
- Balliet, D. (2010). Conscientiousness and forgivingness: a meta-analysis. *Personality And Individual Differences*, 48(3), 259-263.
- Barber, L., Maltby, J., & Macaskill, A. (2005). Angry memories and thoughts of revenge: the relationship between forgiveness and anger rumination. *Personality And Individual Differences*, 39, 253-262.
- Bar-Elli, G. & Heyd, D. (1986). Can revenge be just or otherwise be justified? *Theoria*, 52, 68-86.
- Barnhofer, T. & Duggan, D. (2011). Dispositional mindfulness moderates the relation between neuroticism and depressive symptoms. *Personality And Individual Differences*, 51, 958-962.
- Beck, A. T., Freeman, A., Pretzer, J., Davis, D. D., Fleming, B., Beck, J., Simon, K. M., Padesky, C., Meyer, J., & Trexler, L. (1990). *Cognitive therapy of personality disorders*. New York: The Guilford Press.
- Berry, J. W. & Worthington, L. Jr., (2001). Forgivingness, relationship quality, stress while imagining relationship events, and physical and mental health. *Journal Of Counseling Psychology*, 48, 447-455.
- Berry, J. W., Worthington, E. L., Parrott L., O'Connor, L. E., & Wade, N. G. (2001). Dispositional forgivingness: development and construct validity of the transgression narrative test of forgivingness (tntf). *Personality And Social Psychology Bulletin*, 27(10), 1277-1290.
- Berry, J. W., Worthington, E. L., O'Connor, L. E., Parrott L., & Wade, N. G. (2005). Forgivingness, vengeful rumination, and affective traits. *Journal Of Personality*, 73(1), 184-226.

O Efeito Mediador da Sintomatologia Psicopatológica no Perdão-Traço e na Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial

- Bradfield, M. & Aquino, K. (1999). The effects of blame attributions and offender likableness on forgiveness and revenge in the workplace. *Journal Of Management*, 25(5), 607-631.
- Brieger, P., Sommer, S., Blöink, R., & Marneros, A. (2000). The relationship between five-factor personality measurements and ICD-10 personality disorder dimensions: Results from a sample of 229 subjects. *Journal Of Personality Disorders*, 14, 282-290.
- Brown, R. P. (2003). Measuring individual differences in the tendency to forgive: construct validity and links with depression. *Personality And Social Psychology Bulletin*, 29, 759-771.
- Burnette, J. L., Taylor, K. W., Worthington, E. L., & Forsyth, D. R. (2007). Attachment and trait forgivingness: the mediating role of angry rumination. *Personality And Individual Differences*, 42(8), 1585-1596.
- Carstensen, L. L. (1992). Social and emotional patterns in adulthood: support for socioemotional selectivity theory. *Psychology And Aging*, 7, 331-338.
- Carstensen, L. L. & Fredrickson, B. L. (1998). Influence on HIV status and age on cognitive representations of others. *Health Psychology*, 17, 494-503.
- Carstensen, L. L., Isaacowitz, D. M., & Charles, S. T. (1999). Taking time seriously: a theory of socioemotional selectivity. *American Psychologist*, 54, 165-181.
- Carstensen, L. L., Pasupathi, M., Mayr, U., & Nesselroade, J. R. (2000). Emotional experience in everyday life across the adult life span. *Journal Of Personality And Social Psychology*, 79, 644-655.
- Carstensen, L. L., Fung, H. H., & Charles, S. T. (2003). Socioemotional selectivity theory and the regulation of emotion in the second half of life. *Motivation And Emotion*, 27, 103-123.
- Caspi, A., Hariri, A. R., Holmes, A., Uher, R., & Moffitt, T. E. (2010). Genetic sensitivity to the environment: the case of the serotonin transporter gene and its implications for studying complex diseases and traits. *The American Journal Of Psychiatry*, 167(5), 509-527.
- Charzyńska, E. & Heszen, I. (2013). The capacity to forgive and its measurement with the polish adaptation of the forgiveness scale. *Przełąd Psychologiczny*, 56, 423-446.

- Cheek, J. M., Bourgeois, M. L., Theran, S. A., Grimes, J. O., & Norem, J. K. (2009). Interpreting the factors of the highly sensitive person scale. In *annual meeting of the society for Personality and Social Psychology, Tampa, FL*.
- Chiaramello, S., Sastre, M. T. & Mullet, E. (2008). Seeking forgiveness: factor structure, and relationships with personality and forgivingness. *Personality And Individual Differences, 45*(5), 383-388.
- Corr, P. J. (2002). J.A. Gray's reinforcement sensitivity theory: tests of the joint subsystems hypothesis of anxiety and impulsivity. *Personality And Individual Differences, 33*, 511-532.
- Coyle, C. T. & Enright, R. D. (1997). Forgiveness intervention with postabortion men. *Journal Of Consulting And Clinical Psychology, 65*, 1042-1046.
- Dietrich, A. (2007). *Introduction to consciousness*. London, UK: Palgrave Macmillan.
- Dobson, S. D. & Brent, L. J. (2013). On the evolution of the serotonin transporter linked polymorphic region (5-HTTLPR) in primates. *Frontiers in Human Neuroscience, 7*, 588.
- Donovan, L. A. & Priester, J. R. (2017). Exploring the psychological processes underlying interpersonal forgiveness: the superiority of motivated reasoning over empathy. *Journal Of Experimental Social Psychology, 71*, 16-30.
- Dorff, E. N. (1992). Individual and communal forgiveness. In D. H. Frank (Ed.), *Autonomy and Judaism* (pp. 193-218). Albany, NY: State University of New York Press.
- Eaton, J., Struthers, C. W., & Santelli, A. G. (2006). The mediating role of perceptual validation in the repentance-forgiveness process. *Personality & Social Psychology Bulletin, 32*(10), 1389-1401.
- Emmons, R. A. (2000). Personality and forgiveness. In M. E. McCullough, K. I. Pargament, & C. E. Thoresen (Eds.), *Forgiveness: Theory, research, and practice* (pp. 156-175). New York, NY, USA: Guilford Press.
- Enright, R. D., Santos, M. J., & Al-Mabuk, R. (1989). The adolescent as forgiver. *Journal Of Adolescence, 12*(1), 95.

O Efeito Mediador da Sintomatologia Psicopatológica no Perdão-Traço e na Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial

- Enright, R. D. and the Human Development Study Group (1991). The moral development of forgiveness. In *Handbook of Moral Behavior and Development*, vol.1, Kurtines W. and Gewirtz, J. (Eds). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Enright, R.D., Gassin, E.A., & Wu, C. (1992). Forgiveness: a developmental view. *Journal Of Moral Education*, 21, 99-114.
- Ernst J., Northoff G, Böker H, Seifritz E, & Grimm S. (2013). Interoceptive awareness enhances neural activity during empathy. *Human Brain Mapping*, 34(7), 1615-1624.
- Exline, J. J. (2002). Stumbling blocks on the religious road: fractured relationships, nagging vices, and the inner struggle to believe. *Psychological Inquiry*, 13, 182-189.
- Fatfouta, R., Gerlach, T. M., Schröder-Abé, M., & Merkl, A. (2015). Narcissism and lack of interpersonal forgiveness: the mediating role of state anger, state rumination, and state empathy. *Personality And Individual Differences*, 75, 36-40.
- Fehr, E. & Gächter, S. (2002). Altruistic punishment in humans. *Nature*, 415, 137-140.
- Fehr, R., Gelfand, M. J., & Nag, M. (2010). The road to forgiveness: a meta-analytic synthesis of its situational and dispositional correlates. *Psychological Bulletin*, 136(5), 894-914.
- Fincham, F. D. (2000). The kiss of the porcupines: from attributing responsibility to forgiving. *Personal Relationships*, 7, 1-23.
- Fincham, F. D., Beach, S. R., & Davila, J. (2004). Forgiveness and conflict resolution in marriage. *Journal Of Family Psychology*, 18, 72.
- Fincham, F. D. (2009). Forgiveness: integral to a science of close relationships? In M. Mikulincer, & P. Shaver (Eds.), *Prosocial motives, emotions, and behavior: The better angels of our nature* (pp. 347-365). Washington: APA.
- Finkel, E. J. & Campbell, W. K. (2001). Self-control and accommodation in close relationships: an interdependence analysis. *Journal Of Personality And Social Psychology*, 81, 263-277.
- Fischbacher, U. & Utikal, V. (2013). On the acceptance of apologies. *Games And Economic Behavior*, 82, 592-608.

O Efeito Mediador da Sintomatologia Psicopatológica no Perdão-Traço e na Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial

- Fitzgibbons, R. P. (1986). The cognitive and emotive uses of forgiveness in the treatment of anger. *Psychotherapy*, 23, 629-633.
- Flanigan, B. (1998). Forgivers and the unforgiveable. In Enright, R. D. & North, J. (Eds.), *Exploring Forgiveness*, University of Wisconsin Press, Madison, WI, 95-105.
- Freedman, S. R. & Enright, R. D. (1996). Forgiveness as an intervention goal with incest survivors. *Journal Of Consulting And Clinical Psychology*, 64, 983-992.
- Giammarco, E. A., & Vernon, P. A. (2014). Vengeance and the dark triad: the role of empathy and perspective taking in trait forgivingness. *Personality And Individual Differences*, 67, 23-29.
- Girard, M. & Mullet, E. (1997). Forgiveness in adolescents, young, middle-aged, and older adults. *Journal Of Adult Development*, 4, 209-220.
- Gold, G. J. & Davis, J. R. (2005). Psychological determinants of forgiveness: An evolutionary perspective. *Humboldt Journal Of Social Relations*, 29, 111-134.
- Gray, J. A. (1991). The neuropsychology of temperament. In J. Strelau & A. Angleitner (Eds.), *Explorations in temperament: International perspectives on theory and measurement* (pp. 105-128). New York: Plenum Press.
- Gyurak, A., Haase, C. M., Sze, J., Goodkind, M. S., Coppola, G., Lane, J., Bruce, M. L. & Robert, W. L. (2013). The effect of the serotonin transporter polymorphism (5-HTTLPR) on empathic and self-conscious emotional reactivity. *Emotion.*, 13(1), 25-35.
- Hannon, P. A., Rusbult, C. E., Finkel, E. J., & Kumashiro, M. (2010). In the wake of betrayal: amends, forgiveness, and the resolution of betrayal. *Personal Relationships*, 17(2), 253-278.
- Hill, P. L. & Allemand, M. (2011). Gratitude, forgivingness, and well-being in adulthood: tests of moderation and incremental prediction. *The Journal Of Positive Psychology*, 6(5), 397-407.
- Ho, R., ForsterLee, L., ForsterLee, R., & Crofts, N. (2002). Justice versus vengeance: motives underlying punitive judgements. *Personality And Individual Differences*, 33, 365-377.

O Efeito Mediador da Sintomatologia Psicopatológica no Perdão-Traço e na Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial

- Hofmann, S. G. & Bitran, S. (2007). Sensory-processing sensitivity in social anxiety disorder: relationship to harm avoidance and diagnostic subtypes. *Journal Of Anxiety Disorders*, 21(7), 944-954.
- Homberg, J. R., Schubert, D., Asan, E., Aron, E. N. (2016). Sensory processing sensitivity and serotonin gene variance: insights into mechanisms shaping environmental sensitivity. *Neuroscience & Biobehavioral Reviews*, 71, 472-483.
- Hunter, R. C. (1978). Forgiveness, retaliation and paranoid reactions. *Canadian Psychiatric Association Journal*, 23(3), 167-174.
- Hope, D. (1987). The healing paradox of forgiveness. *Psychotherapy*, 24, 240-244.
- Jeter, W. K. & Brannon, L. A. (2018). 'I'll make it up to you:'examining the effect of apologies on forgiveness. *The Journal Of Positive Psychology*, 13(6), 597-604.
- John, O. P., Donahue, E. M., & Kentle, R. L. (1991). *The "big five" inventory - versions 4a and 5a*. (Institute of Personality and Social Research, University of California, Berkeley, CA).
- Jonsson, K., Grim, K., & Kjellgren, A. (2014). Do highly sensitive persons experience more nonordinary states of consciousness during sensory isolation?. *Social Behavior And Personality*, 42(9), 1495-1506.
- Kaletka, K., & Mróz, J. (2017). Forgiveness and life satisfaction across different age groups in adults. *Personality And Individual Differences*, 120, 17-23.
- Karremans, J. C., Van Lange, P. A., & Holland, R. W. (2005). Forgiveness and its associations with prosocial thinking, feeling, and doing beyond the relationship with the offender. *Personality And Social Psychology Bulletin*, 31, 1315-1326.
- Keuss, P. J. & Orlebeke, J. F. (1977). Transmarginal inhibition in a reaction time task as a function of extraversion and neuroticism. *Acta Psychologica*, 41, 139-150.
- Kim, S. H. & Smith, R. H. (1993). Revenge and conflict escalation. *Negotiation Journal*, 9, 37-43.
- Kjellgren, A., Lindahl, A., & Norlander, T. (2009). Altered states of consciousness and mystical experiences during sensory isolation in flotation tank: is the highly sensitive

O Efeito Mediador da Sintomatologia Psicopatológica no Perdão-Traço e na Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial

personality variable of importance? *Imagination, Cognition And Personality*, 29, 135-146.

Konrad, S., & Herzberg, P. Y. (2017). Psychometric properties and validation of a German high sensitive person scale (HSPS-G). *European Journal Of Psychological Assessment*.

Lang, F. R. & Carstensen, L. L. (2002). Time counts: future time perspective, goals, and social relationships. *Psychology And Aging*, 17, 125-139.

Laursen, B. & Collins, W. A. (1994). Interpersonal conflict during adolescence. *Psychological Bulletin*, 115(2) 197-209.

Lemay, E. P. & Clark, M. S. (2015). Motivated cognition in relationships. *Current Opinion In Psychiatry*, 1, 72-75.

Lesch, K. P., Bengel, D., Heils, A., Sabol, S. Z., Greenberg, B. D., Petri, S., Benjamin, J., Müller, C. R., Hamer, D. H., & Murphy, D. L. (1996). Association of anxiety-related traits with a polymorphism in the serotonin transporter gene regulatory region. *Science*, 274(5292), 1527-1531.

Liss, M., Timmel, L., Baxley, K., & Killingsworth, P. (2005). Sensory processing sensitivity and its relation to parental bonding, anxiety, and depression. *Personality And Individual Differences*, 39, 1429-1439.

Liss, M., Mailloux, J., & Erchull, M. J. (2008). The relationships between sensory processing sensitivity, alexithymia, autism, depression, and anxiety. *Personality And Individual Differences*, 45, 255-259.

Lynam, D. R., & Widiger, T. A. (2001). Using the five-factor model to represent the DSM-IV personality disorders: an expert consensus approach. *Journal Of Abnormal Psychology*, 110, 401-412.

Maio, G. R., Thomas, G., Fincham, F. D., & Carnelley, K. B. (2008). Unraveling the causes and consequences of forgiveness in families. *Journal Of Personality And Social Psychology*, 94, 307-319.

Martinez-Vaquero, L. A., Han, T. A., Pereira, L. M., & Lenaerts, T. (2015). Apology and forgiveness evolve to resolve failures in cooperative agreements. *Scientific Reports*, 5, 10639.

O Efeito Mediador da Sintomatologia Psicopatológica no Perdão-Traço e na Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial

- Mauger, P. A., Perry, J. E., Freedman, T., Grove, D. C., McBride, A. G., & McKinney, K. E. (1992). The measurement of forgiveness: preliminary research. *Journal Of Psychology And Christianity*, 11, 170-180.
- McCullough, M. E., Worthington, E. L., & Rachal, C. (1997). Interpersonal forgiving in close relationships. *Journal Of Personality And Social Psychology*, 73(2), 321-336.
- McCullough, M. E., Rachal, K. C., Sandage, S. J., Worthington, E. L., Brown, S. W., & Hight, T. L. (1998). Interpersonal forgiving in close relationships: II. theoretical elaboration and measurement. *Journal Of Personality And Social Psychology*, 75(6), 1586-1603.
- McCullough, M. E. & Worthington, E. L. (1999). Religion and the forgiving personality. *Journal Of Personality*, 67(6), 1141-1164.
- McCullough, M. E. (2000). Forgiveness as human strength: theory, measurement, and links to well-being. *Journal Of Social And Clinical Psychology*, 19, 43-55.
- McCullough, M. E., Bellah, C. G., Kilpatrick, S. D., & Johnson, J. L. (2001). Vengefulness: relationships with forgiveness, rumination, well-being, and the Big Five. *Personality And Social Psychology Bulletin*, 27, 601-610.
- McCullough, M. E. (2001). Forgiveness: who does it and how do they do it?. *Current Directions In Psychological Science*, 10(6), 194-197.
- McCullough, M. E., Emmons, R. A. & Tsang, J. A. (2002). The grateful disposition: a conceptual and empirical topography. *Journal Of Personality And Social Psychology*, 82, 112-127.
- McCullough, M. E., Kurzban, R., & Tabak, B. A. (2013). Cognitive systems for revenge and forgiveness. *Behavioral And Brain Sciences*, 36(1), 1-15.
- McCullough, M. E., Pedersen, E. J., Tabak, B. A., & Carter, E. C. (2014). Conciliatory gestures promote forgiveness and reduce anger in humans. *Proceedings Of The National Academy Of Sciences Of The United States Of America*, 111(30), 11211-11216.
- Mullet, D. R., Rim, A. N., Jett, N., & Nyikos, T. (2016). Sensory processing sensitivity among higher ability adults: a psychometric evaluation of two versions of the highly sensitive person scale. Retirado de researchgate.net.

O Efeito Mediador da Sintomatologia Psicopatológica no Perdão-Traço e na Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial

- Neto, F. & Mullet, E. (2004). Personality, self-esteem, and self-construal as correlates of forgiveness. *European Journal Of Personality*, 18, 15-30.
- North, J. (1987). Wrongdoing and forgiveness. *Philosophy*, 62, 499-508.
- Paleari, G., Regalia, C., & Fincham, F. D. (2005). Marital quality, forgiveness, empathy, and rumination: a longitudinal analysis. *Personality And Social Psychology Bulletin*, 31, 368-378.
- Pluess, M., Belsky, J., Way, B. M., & Taylor, S. E. (2010). 5-HTTLPR moderates effects of current life events on neuroticism: differential susceptibility to environmental influences. *Progress In Neuro-Psychopharmacology & Biological Psychiatry*, 34(6), 1070-1074.
- Ohtsubo, Y., Yamaura, K, & Yagi, A. (2015). Development of japanese measures of reconciliatory tendencies: the japanese trait forgivingness scale and the japanese proclivity to apologize measure. *Japanese Journal Of Social Psychology*, 31(2), 135-142.
- Reis, H. T. (2001). Relationship experiences and emotional wellbeing. In Ryff, C. D., and Singer, B.H. (Eds.), *Emotion, Social Relationships, and Health*, Oxford University Press, Oxford, UK, 57-85.
- Rique, J., Camino, C. P., Enright, R. D., & Queiroz, P. (2007). Perdão interpessoal e contextos de injustiça no Brasil e Estados Unidos. *Psico*, 38(2), 182-189.
- Sastre, M. T., Vinsonneau, G., Chabrol, H., & Mullet, E. (2005). Forgiveness and the paranoid personality style. *Personality And Individual Differences*, 38, 765-772.
- Scher, S. J. & Darley, J. M. (1997). How effective are the things people say to apologize? Effects of the realization of the apology speech act. *Journal Of Psycholinguistic Research*, 26, 127-140.
- Shapiro, D. L. (1991). The effects of explanations on negative reactions to deceit. *Administrative Science Quarterly*, 36, 614-630.
- Shaver, P. R. & Mikulincer, M. E. (2011). Human aggression and violence: causes, manifestations, and consequences. *American Psychological Association*.

O Efeito Mediador da Sintomatologia Psicopatológica no Perdão-Traço e na Alta Sensibilidade de Processamento Sensorial

- Shopshire, M. S. & Craik, K. H. (1994). The five-factor model of personality and the DSM-III-R personality disorders: correspondence and differentiation. *Journal Of Personality Disorders*, 8, 41-52.
- Smolewska, K. A., McCabe, S. B., & Woody, E. Z. (2006). A psychometric evaluation of the highly sensitive person scale: the components of sensory-processing sensitivity and their relation to the BIS/BAS and “big five”. *Personality And Individual Differences*, 40, 1269-1279.
- Sobocko, K. & Zelenski, J. M. (2015). Trait sensory-processing sensitivity and subjective well-being: distinctive associations for different aspects of sensitivity. *Personality And Individual Differences*, 83, 44-49.
- Subkoviak, M. J., Enright, R. D., Wu, C. R., Gassin, E. A., Freedman, S., Olson, L. M., & Sarinopoulos, I. (1995). Measuring interpersonal forgiveness in late adolescence and middle adulthood. *Journal Of Adolescence*, 18(6), 641-655.
- Tabak, B. A., McCullough, M. E., Luna, L. R., Bono, G., & Berry, J. W. (2012). Conciliatory gestures facilitate forgiveness and feelings of friendship by making transgressors appear more agreeable. *Journal Of Personality*, 80(2), 503-536.
- Tart, C. T. (2000). *States of consciousness*. Lincoln, NE: iUniverse.
- Thompson, L., Snyder, C. R., Hoffman, L., Michael, S. T., Rasmussen, H. N., Billings, L. S., Heinze, L., Jason E. N., Hal S. S., Jessica C. R., & Danae E. R. (2005). Dispositional forgiveness of self, others, and situations. *Journal Of Personality*, 73, 313-359.
- Thoresen, C. E., Harris, A. H. & Luskin, F. (2000). Forgiveness and health: An unanswered question. In McCullough, M. E., Pargament, K. I., and Thoresen, C. E. (Eds.), *Forgiveness: Theory, Research, and Practice*, Guilford Press, New York, 254-280.
- Toussaint, L. L., Williams, D. R., Musick, M. A., & Everson, S. A. (2001). Forgiveness and health: age differences in a U.S. probability sample. *Journal Of Adult Development*, 8, 249-257.
- Utikal, V. (2013). I am sorry: Honest and fake apologies.
- Wade, N. G. & Worthington, E. L. (2003). Overcoming interpersonal offenses: is forgiveness the only way to deal with unforgiveness? *Journal Of Counseling And Development*, 81, 343-353.

- Witvliet, C. V. (2001). Forgiveness and health: review and reflections on a matter of faith, feelings, and physiology. *Journal Of Psychology And Theology*, 29(3), 212-224.
- Worthington, E. L., Jr., & Wade, N. G. (1999). The psychology of unforgiveness and forgiveness and implications for clinical practice. *Journal Of Social And Clinical Psychology*, 18, 385-418.
- Worthington, L., Jr. & Scherer, M. (2004). Forgiveness is an emotion-focused coping strategy that can reduce health risks and promote health resilience: theory, review, and hypotheses. *Psychology And Health*, 19, 385-405.
- Worthington, E. L. (2005). *Handbook of forgiveness*. New York: Brunner-Routledge.
- Worthington, E. L., Witvliet, C. V., Pietrini, P., & Miller, A. J. (2007). Forgiveness, health, and well-being: a review of evidence for emotional versus decisional forgiveness, dispositional forgivingness, and reduced unforgiveness. *Journal Of Behavioral Medicine*, 30, 291-302.
- Zechmeister, J. S., Garcia, S., Romero, C., & Vas S. N. (2004). Don't apologize unless you mean it: a laboratory investigation of forgiveness and retaliation. *Journal Of Social And Clinical Psychology*, 23(4), 532-564.